

A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
15 DE JUNHO DE 2004
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO Nº116

REITOR QUER VOTAR PROPINA POR CORRESPONDÊNCIA

Estudantes consideram medida “ilegal” e prometem não baixar braços

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) entregou ao Tribunal Administrativo de Coimbra duas providências cautelares que contestam a legalidade da votação da propina por correspondência. Esta medida, tomada por Seabra

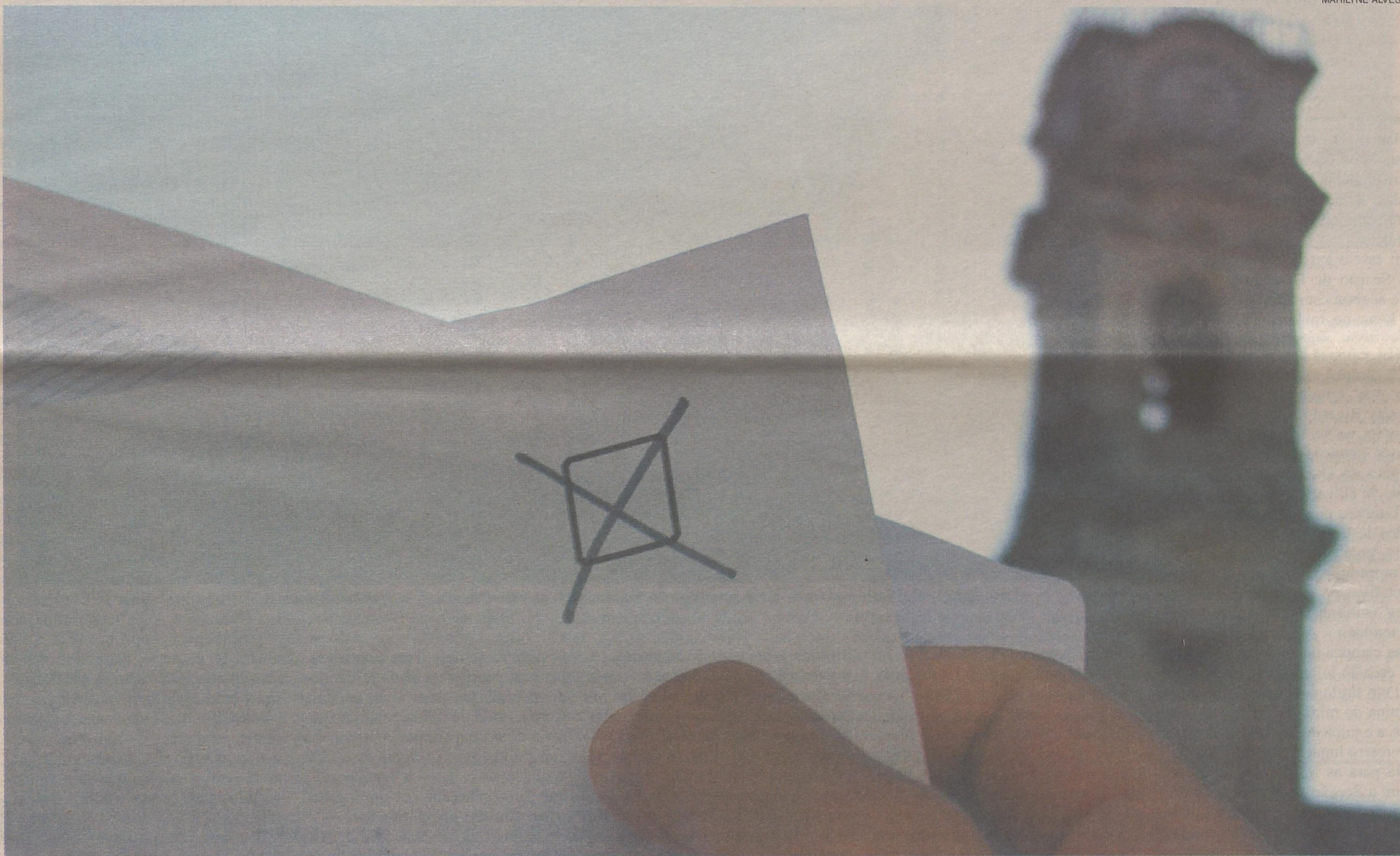
Santos após a invasão do senado, é justificada pelo recurso “ao estado de necessidade”, isto embora não esteja prevista nos estatutos daquele órgão.

Enquanto o administrativista, Vieira Andrade, garante que o voto por correspondência

é válido, pois o que está em causa é o impedimento do órgão cumprir um dos seus deveres - a adopção da propina para o próximo ano lectivo, os alunos acusam-no de ser ilegal. Para o presidente da DG/AAC, Miguel Duarte, o voto por correio “deve ser

um último recurso, só adoptado em situações de catástrofe”. A decisão da instância judicial deve ser conhecida esta semana, mas caso não seja favorável aos alunos, Miguel Duarte já adiantou que os estudantes vão impugnar o escrutínio. **PÁG.5**

MARILYNE ALVES



SECÇÕES DESPORTIVAS EM BALANÇO

O rãguebi foi campeão nacional e o basquetebol terminou nos lugares cimeiros da tabela na mesma época em que se estreou na Proliga. O voleibol conseguiu igualar a sua melhor época de sempre e o judo conquistou um título nacional

ao nível das camadas jovens.

Estes são apenas alguns dos bons resultados que as secções desportivas da Associação Académica de Coimbra apresentam quando só faltam algumas semanas para as férias de Verão. E, se

muitos atletas se preparam já para descansar, outros estão ainda em competição e mostram-se esperançados em alcançar resultados positivos. Contudo, apesar da maioria dos dirigentes afirmar que as metas foram cumpridas, outros

há que admitem que a “performance” não correspondeu aos objectivos definidos no início do ano. A CABRA traça o panorama do desporto da Académica e mostra o melhor e o pior da prática desportiva na academia. **PÁGS. 2 E 3**

Privadas sem Medicina

Parecer inicial das candidaturas para abertura do curso de Medicina é negativo. **PÁG.6**

Onde pára o estudo

A CABRA foi conhecer os sítios onde os estudantes se preparam para os exames. **PÁG.10 E 11**

**Toda a informação que procuras,
constantemente actualizada**

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

SUMÁRIO

Destaque	2	Internacional	12
Opinião	4	Ciência	13
Academia	5	Desporto	14
Universidade	6	Cultura	15
Cidade	7	Artes Feitas	16
Nacional	8	Agenda	18
Reportagem	10	Vinte&três	19



A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL
UNIV. DE COIMBRA
JORNAIS

TERÇA-FEIRA
15 DE JUNHO DE 2004
GRATUITO
ANO XIII
EDIÇÃO Nº116

REITOR QUER VOTAR PROPINA POR CORRESPONDÊNCIA

Estudantes consideram medida “ilegal” e prometem não baixar braços

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) entregou ao Tribunal Administrativo de Coimbra duas providências cautelares que contestam a legalidade da votação da propina por correspondência. Esta medida, tomada por Seabra

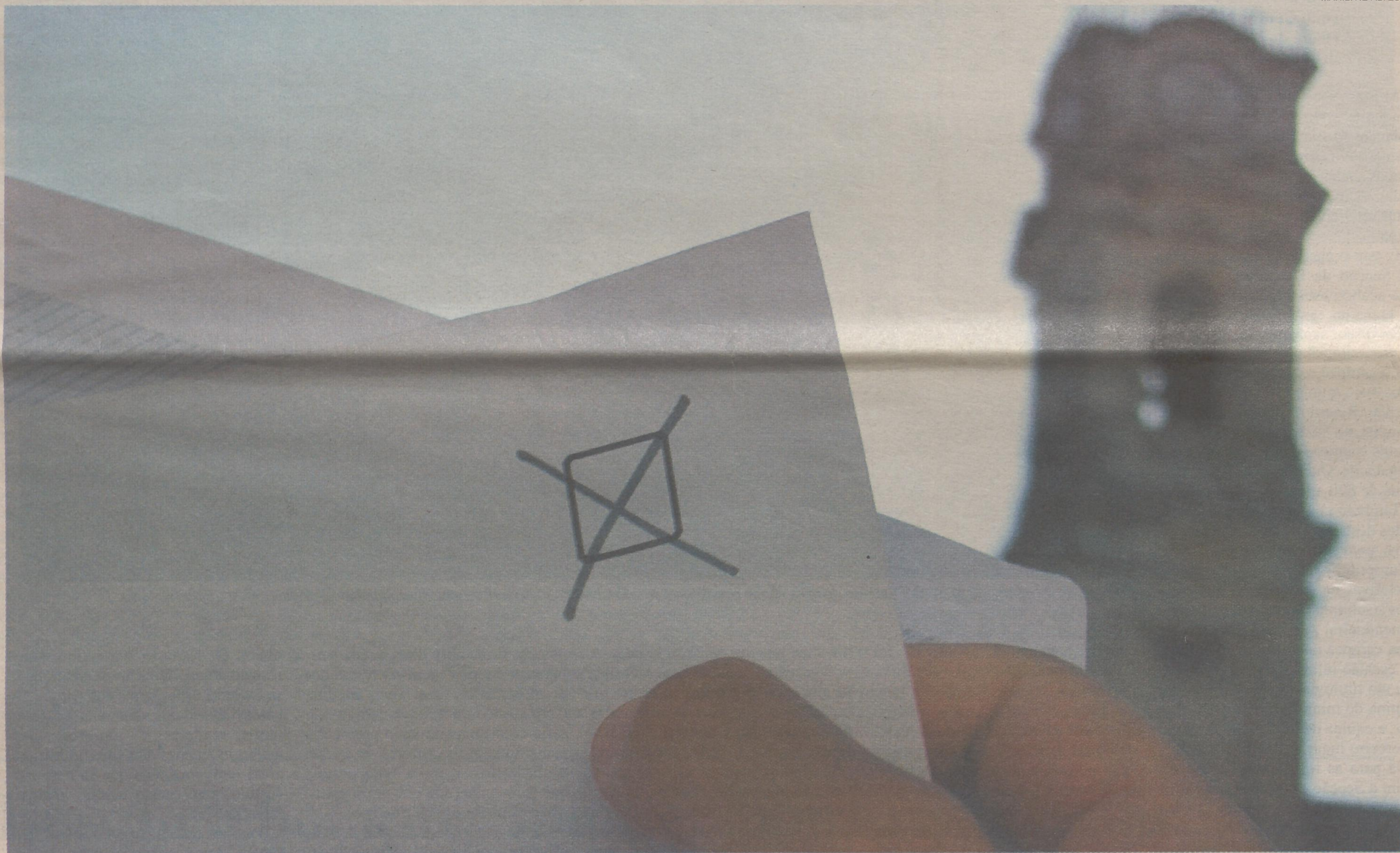
Santos após a invasão do senado, é justificada pelo recurso “ao estado de necessidade”, isto embora não esteja prevista nos estatutos daquele órgão.

Enquanto o administrativista, Vieira Andrade, garante que o voto por correspondência

é válido, pois o que está em causa é o impedimento do órgão cumprir um dos seus deveres - a adopção da propina para o próximo ano lectivo, os alunos acusam-no de ser ilegal. Para o presidente da DG/AAC, Miguel Duarte, o voto por correio “deve ser

um último recurso, só adoptado em situações de catástrofe”. A decisão da instância judicial deve ser conhecida esta semana, mas caso não seja favorável aos alunos, Miguel Duarte já adiantou que os estudantes vão impugnar o escrutínio. **PÁG.5**

MARILYNE ALVES



SECÇÕES DESPORTIVAS EM BALANÇO

O rãguebi foi campeão nacional e o basquetebol terminou nos lugares cimeiros da tabela na mesma época em que se estreou na Proliga. O voleibol conseguiu igualar a sua melhor época de sempre e o judo conquistou um título nacional

ao nível das camadas jovens.

Estes são apenas alguns dos bons resultados que as secções desportivas da Associação Académica de Coimbra apresentam quando só faltam algumas semanas para as férias de Verão. E, se

muitos atletas se preparam já para descansar, outros estão ainda em competição e mostram-se esperançados em alcançar resultados positivos. Contudo, apesar da maioria dos dirigentes afirmar que as metas foram cumpridas, outros

há que admitem que a “performance” não correspondeu aos objectivos definidos no início do ano. A CABRA traça o panorama do desporto da Académica e mostra o melhor e o pior da prática desportiva na academia. **PÁGS. 2 E 3**

Privadas sem Medicina

Parecer inicial das candidaturas para abertura do curso de Medicina é negativo. **PÁG.6**

Onde pára o estudo

A CABRA foi conhecer os sítios onde os estudantes se preparam para os exames. **PÁG.10 E 11**

**Toda a informação que procuras,
constantemente actualizada**

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

SUMÁRIO

Destaque	2	Internacional	12
Opinião	4	Ciência	13
Academia	5	Desporto	14
Universidade	6	Cultura	15
Cidade	7	Artes Feitas	16
Nacional	8	Agenda	18
Reportagem	10	Vinte&três	19

Desporto da Académica mostra resultados

Para muitas secções é já altura de pensar no futuro

Com os equipamentos arrumados, algumas secções desportivas da Associação Académica de Coimbra vão para férias com a sensação de dever cumprido

Ana Bela Ferreira
Bruno Gonçalves
Diana do Mar
Bruno Vicente

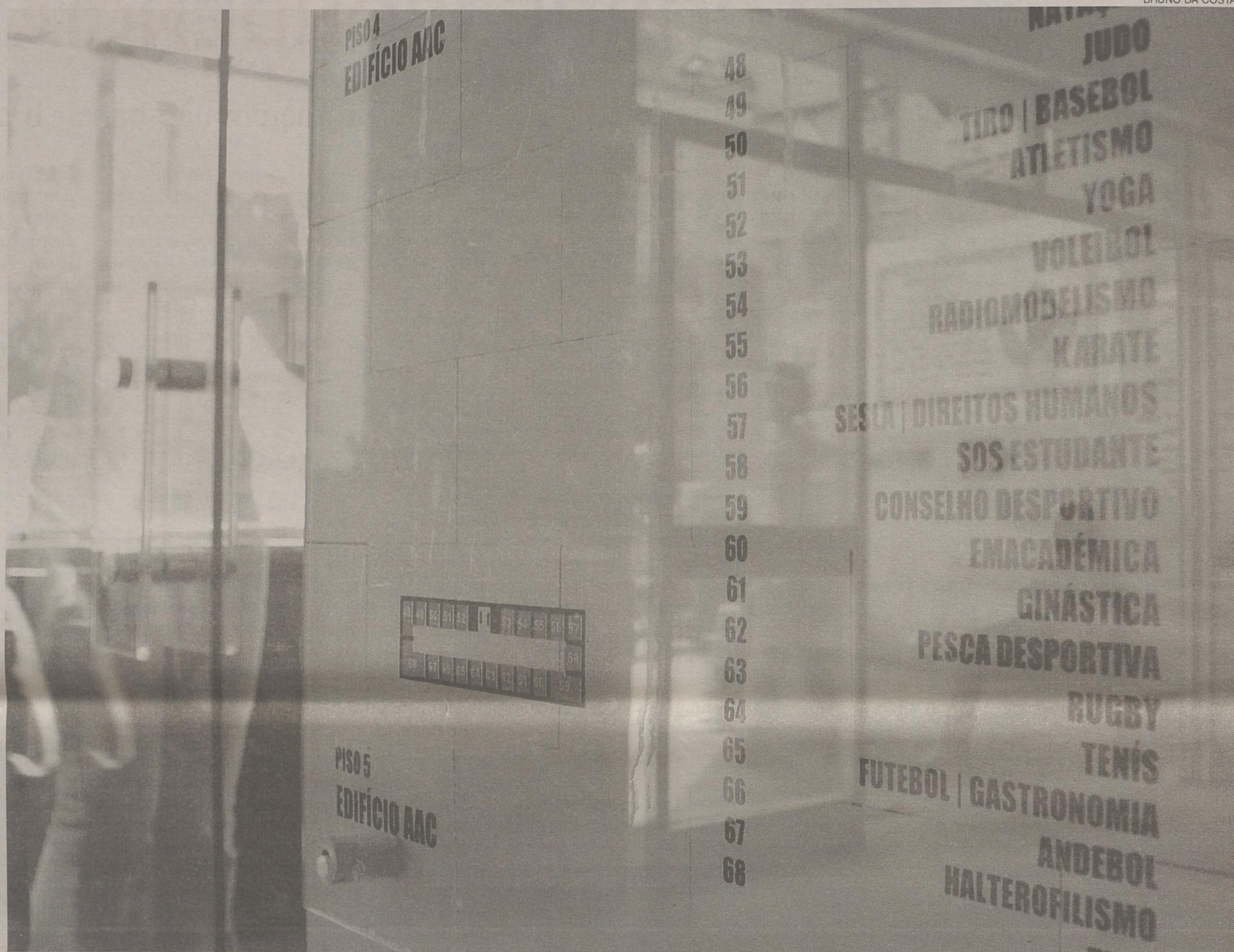
Muitas secções desportivas da academia estão agora a fechar para balanço. O quadro geral apresenta resultados positivos, ainda que algumas metas não tenham sido atingidas. A maioria dos dirigentes diz estar satisfeita com a época que termina.

É este o caso da equipa de remo da Secção de Desportos Náuticos, que acabou esta temporada em sexto lugar no ranking nacional. Para além disso, sagrou-se, pela primeira vez, campeã do Torneio de Escolas e campeã regional. Uma prestação que agrada ao presidente da secção, Ricardo Reis. Já no que diz respeito ao lazer, este ano os desportos náuticos realizaram a maior Regata da Queima das Fitas, com mais de 800 atletas.

Também contentes com os resultados desta época estão os responsáveis pela Secção de Ginástica: “Cumprimos os objectivos e as expectativas na maior parte dos escalões”, sublinha a presidente, Patrícia Amendoeira. A secção contou com uma campeã nacional de Tumbling, no escalão infantil, e também registou um título nacional na equipa feminina de mini-trapolim. Por sua vez, a equipa de iniciadas conseguiu o terceiro lugar nesta modalidade.

Já para as três equipas que integram a Secção de Xadrez, esta época teve mais altos e baixos. O Grupo de Xadrez de Coimbra subiu à segunda divisão, mas a Esperanças da Académica acabou por terminar na terceira divisão. A Académica manteve-se na primeira divisão. Contudo, o presidente Luís Rodrigues afirma que este foi “um grande ano”. A secção conseguiu finalmente ter um treinador. A vinda do mestre internacional Petr Velicka exigiu um grande esforço da direcção, mas foi importante para o desenvolvimento das equipas e possibilitou a abertura de cursos de formação.

Mais difícil é fazer o balanço do Taekwondo, onde nem todos os atletas chegaram ao fim das competições. Neste momento, a secção conta já com um primeiro lugar e dois segundos, no escalão infantil. Nesta temporada o Taekwondo vai ainda disputar um torneio a nível internacional, a 3 de Julho, e dois dias depois, a Taça de Portugal. Já o Judo conseguiu vitórias no escalão sénior. Uma atleta desta secção foi



Desporto da mais antiga associação de estudantes do país realizou uma época pautada pelo sucesso

campeã nacional de seniores e foi vice-campeã nacional absoluta. Quanto ao futuro, a Secção de Judo vai realizar pela 17ª vez um estágio internacional que, segundo o presidente da secção, Pedro Gonçalves, “é o maior estágio de judo na Europa” e será palco de preparação para os Jogos Olímpicos de Atenas.

Menos positiva é a prestação da Secção de Atletismo. A época está ainda longe de terminar, mas, neste momento, os principais objectivos caíram já por terra.

Neste momento disputam-se os campeonatos regionais, onde os atletas tentam conseguir os mínimos que garantem a participação nos campeonatos nacionais, meta já atingida por alguns. Na competição de Inverno, a equipa não conseguiu cumprir as intenções de passar à fase final. O mesmo se passou na competição de Verão, para a qual o clube ambicionava o acesso à segunda divisão. “Uma onda de lesões foi o factor preponderante para este resultado menos bom”, explica o presidente Rui Carlos.

Também a correr, mas desta feita com motor, está a novata Pró-secção de Desportos Motorizados Esta pró-secção conta com cerca de 25 atletas, mas a Kartada, que teve lugar no mês de Abril, conseguiu reu-

nir uma centena de participantes. A pró-secção marca também presença na alta competição. Luís Caseiro representa os Desportos Motorizados no Campeonato Nacional e no Europeu de Kart-cross. Para já, os principais objectivos são desenvolver e divulgar estas actividades desportivas. Samuel Pranto considera que esses objectivos têm sido conseguidos. O dirigente adianta que está prometida mais uma kartada inovadora, desta feita no Pólo II, em circuito urbano: “Algo nunca visto antes em Coimbra”.

Académica “boa de bola”

Para a Secção de Futebol esta foi uma época que “correu bastante bem”, afirma o director desportivo André Cardoso, embora o principal objectivo não tenha sido cumprido. O propósito da equipa era conseguir ficar entre os cinco primeiros e igualar assim a melhor classificação, mas os “estudantes” ficaram-se pela sétima posição. “A secção não conseguiu competir com equipas com outros recursos financeiros”, afirma o dirigente. O treinador saiu a duas jornadas do final do campeonato, mas “este facto não foi muito perturbador”, pois a época estava no final. Dois pontos impediram a Briosas de igualar a melhor

posição de sempre. Para o ano, a esperança é a de repetir os resultados desta época ou fazer ainda melhor. Com a saída do treinador foi necessário criar uma comissão provisória constituída por jogadores da equipa “para levar o barco a bom porto”, que foi encabeçada por um jogador que é também director da secção.

De igual forma, a Secção de Andebol faz um balanço positivo de toda a época. “Os juvenis surpreenderam ao disputar o acesso à primeira divisão e estão ainda a competir na Taça de Portugal”, explica o presidente Nuno Reis. De resto, a secção espera ainda ganhar o Campeonato Distrital neste escalão. Quanto aos restantes, não atingiram os objectivos, à excepção dos seniores, que subiram de divisão, mas devido à eliminação da actual terceira divisão.

Já nas competições nacionais, é a Secção de Ténis que marca pontos. Esta secção tem, neste momento, cinco atletas na selecção nacional de jovens. A época está a correr bem, e o presidente da secção, Eduardo Cabrita, afirma que “as previsões são animadoras”. A secção conta com a participação nos Campeonatos Nacionais de Ténis nas categorias de infantis, juniores e seniores em equipas mistas e femi-

ninas. O desporto masculino está restrito ao escalão sénior. Além disso, a secção participa nos campeonatos individuais de iniciados, infantis, cadetes e juniores. Os melhores lugares são conseguidos a nível feminino, pelo que se tem investido mais neste sector, realça Eduardo Cabrita.

Por fim, apesar do mau início de época, esta secção conseguiu o quinto lugar, igualando a melhor classificação de sempre. Para o presidente, António Gomes, os objectivos desta secção para a época passavam apenas pela manutenção da equipa na divisão A1. Foi, assim, uma época “muito boa, para não dizer excelente”, afirma o responsável. Este sucesso não passou ao lado das grandes equipas nacionais, que cobicaram os jogadores da selecção nacional. O seleccionador nacional, Juan Diaz, afirmou que “em Coimbra se trabalha bem”. Américo Forte, dirigente da secção, revelou que a sua equipa ficou devastada depois deste “ataque” aos jogadores, e conta agora com o “ouro da casa” para a próxima temporada. Mas as pretensões mantêm-se. A continuidade na divisão A1 é o principal objectivo, mas tudo estará dependente das contratações de jogadores.

Râguebi de volta ao topo

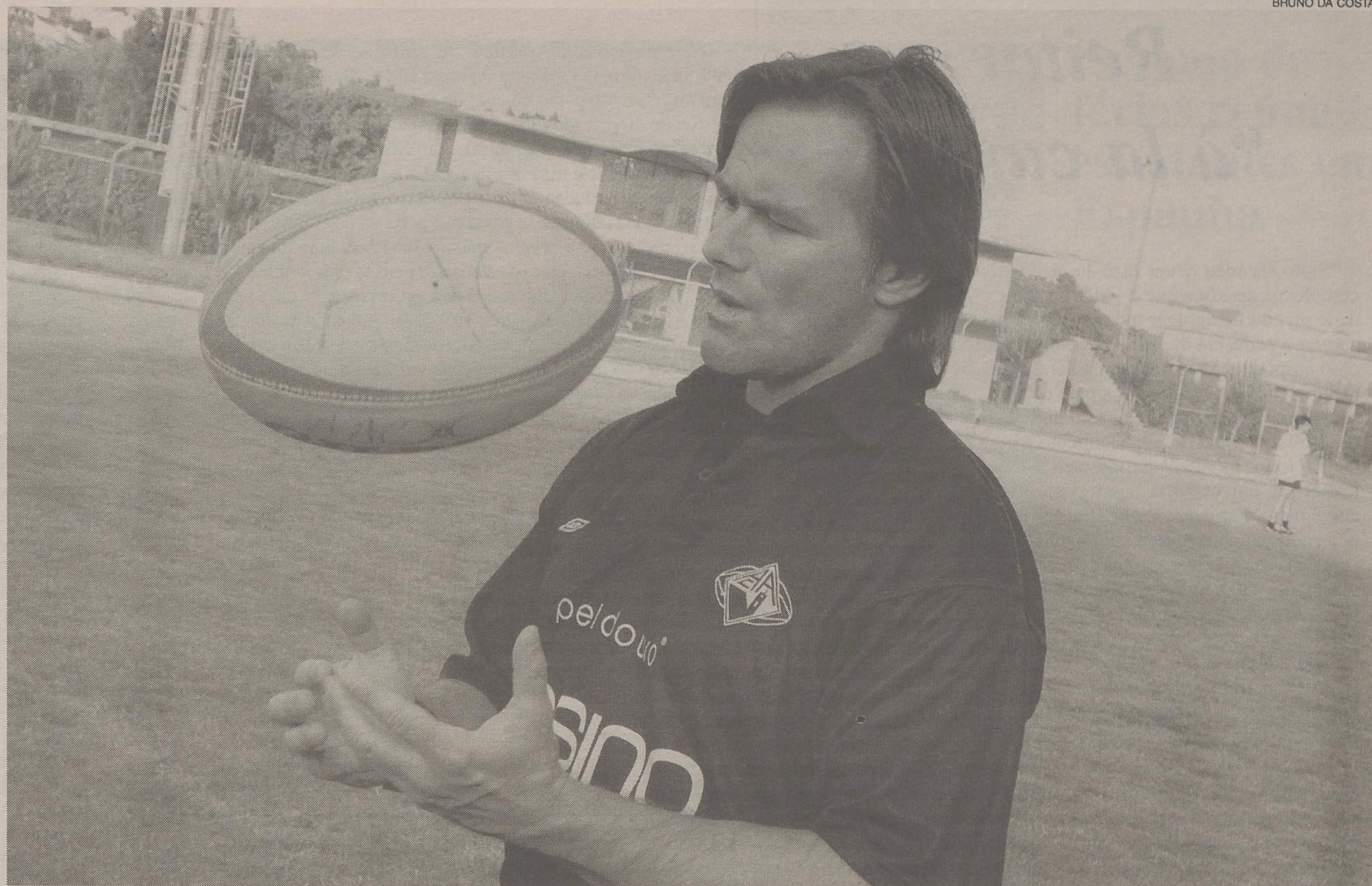
Depois de sete anos sem conquistar o título, a Secção de Râguebi sagrou-se campeã nacional

O objectivo inicial da época de râguebi visava apenas a ida ao Final Four. No entanto, as expectativas foram superadas e a equipa acabou por terminar no lugar cimeiro da tabela. As falhas que a equipa apresentava no início foram ultrapassadas e a equipa começou a melhorar, subindo de forma e conseguindo também uma boa integração dos estrangeiros, explica o treinador Rui Carvoeira.

Foi esta renovada equipa que conduziu o grupo ao Final Four. A utilização de 36 jogadores em jogos oficiais permitiu que os atletas estivessem todos ao mesmo nível. Este foi um dado determinante visto que a equipa nos jogos da Final Four começou sempre a perder, à excepção de um jogo. No entanto, a Académica acabou por conseguir inverter todos os resultados. “Isto foi o ponto fundamental de viragem, em termos de mentalidade competitiva e ganhadora da equipa”, segundo o responsável pelo grupo. “Os objectivos foram conseguidos graças à dedicação, ao amor à secção e a esta causa”, como sublinha o presidente da Secção de Râguebi da Associação Académica de Coimbra, Álvaro Santos.

Apesar dos talentos individuais que se denotam a equipa não tinha um colectivo muito bem estruturado, afirma o treinador: “A equipa apresentava alguma carência em termos de ambição”. Deste modo, para colmatar esta falha foram-se traçando algumas metas que se concretizaram. Para o técnico, a filosofia do grupo era disputar e não apenas participar. Para isso, era necessário criar uma equipa motivada com algum rigor e organização “e sobretudo com vontade de vencer”.

Rui Carvoeira sublinha que ganhar um título nacional seja em que modalidade for acarreta várias res-



Rui Carvoeira, treinador da equipa de râguebi da Académica, realça a “vontade de vencer” do grupo para a conquista do título nacional da modalidade

pensabilidades. É necessário “harmonizar uma mentalidade colectiva em torno de um objectivo comum” e, por ter conseguido atingir estes propósitos, o treinador conclui que “a época foi formidável”.

Nesta época aconteceu uma coisa que não é habitual: a temporada alargou-se. O que levantou um problema, diz o treinador: equipa que já não estava habituada a lutar pelos lugares cimeiros também não estava habituada a prolongar a época por tanto tempo. Refere também que “a seguir à conquista do título houve um certo desanuviamiento”, o que levou a que no Porto a ambição não registasse os níveis de outros jogos. Mas, ainda acrescenta que “deu uma especial satisfação provar o nosso valor àqueles que fora do

grupo nunca acreditaram”.

No que diz respeito aos elementos da equipa, o treinador pensa que “o principal da equipa tem de ser quem foi formado e cresceu nas escolas do clube e os reforços estrangeiros que viessem tinham de ser de qualidade, apenas para colmatar as falhas dos que já integram a equipa”.

O sub-capitão da equipa, Leandro Fonseca dá o seu testemunho realçando que “conquistar um título com os amigos constitui sempre uma motivação porque, para além de companheiros de clube”, cresceram todos juntos e partilham “a mesma paixão”. Os jogadores estrangeiros adaptaram-se da melhor forma. Serban, o jogador romeno de 32 anos, confessou ao treinador

que, embora tivesse jogado no campeonato profissional italiano e no francês nunca esteve num sítio com tão bom ambiente. É este o principal factor de motivação.

Depois da vitória, a festa foi muita, no entanto o estatuto de campeão nacional traz também responsabilidades. A pensar nisso, prepara-se já a próxima época, cujo objectivo não será só ir à Final Four visto que para o treinador da equipa, depois de ser campeão, vê a “Final Four como uma obrigação”. A esta competição junta-se a Taça de Portugal e, para além destas, a secção irá disputar a Supertaça a realizar a 5 de Outubro (dia nacional do râguebi), a Taça Ibérica e a European Shield (uma espécie de Taça UEFA do râguebi onde os

campeões nacionais têm acesso à primeira eliminatória).

Embora a equipa admita que a nível competitivo estão em desvantagem, reconhece que esta competição oferece aos seus jogadores um capital de experiências e fornece à organização do clube modelos de organização e formação a seguir.

Em relação às condições da secção, Rui Carvoeira alude a 1997, referindo que “as condições são as mesmas e foi com elas que fomos campeões”, acrescenta ainda que “se não aceitasse as condições tinha deixado logo de ser treinador”. Há alguma insatisfação, mas o responsável acredita que “a insatisfação é a alavanca do desenvolvimento” e, “nessas contrariedades vão ser encontradas forças”.

Basquetebol quer manter bons resultados

Equipa que esperava lutar pela manutenção acabou a disputar o primeiro lugar

Concluída a época desportiva, a Secção de Basquetebol da Associação Académica de Coimbra (AAC) vê o fim de uma temporada frenética para o clube, mas que excedeu as expectativas da massa associativa.

Para uma equipa que tinha transitado de divisão, os estudantes propunham-se a alcançar, no início da época, a manutenção no escalão, objectivo que cumpriram em absoluto. Com dezasseis vitórias noutros tantos jogos, a Académica reformulou os seus objectivos que, de jogo em jogo, culminaram com a ambição de adquirir a primeira posição na Proliga.

Os estudantes não foram tão longe, terminando na segunda posição durante a fase regular. Jogando o play-off, foram eliminados nas meias-finais pelo Sangalhos, bi-campeão

no escalão.

A disputa com este clube ficou marcada pelo facto de os “estudantes” disputarem o jogo caseiro, frente ao Sangalhos, fora de portas, por avaria no marcador electrónico, quando a Académica nunca tinha perdido em casa nesta temporada. Assim, apesar da campanha classificada de “extraordinária” pelo presidente da secção, Mário Costa, a AAC não alcançou o direito desportivo de participar na Liga TMN.

Questionado sobre um balanço da temporada, Mário Costa considerou que a época “correu de acordo com o esperado”. Sendo que as expectativas não foram defraudadas, houve alguns factos que agitaram a estabilidade da equipa, ao longo da época. Foi o caso da saída do treinador inicial, Norberto Alves, para o Benfica, numa altura em que a equipa liderava a fase regular com 16 vitórias em 16 jogos.

Mário Costa considerou a adaptação ao novo treinador, Samuel Veiga, uma situação “difícil e ingrata pois teve que substituir um téc-

nico, que nunca tinha perdido, e adaptar-se aos jogadores”. O facto de o objectivo ser o primeiro lugar foi uma agravante nessa altura, porque se soube que não se poderia perspectivar o salto à Liga TMN devido a condições financeiras.

Quanto ao treinador, Samuel Veiga, não continuará no clube. O técnico admite deixar a Académica “mais rico como treinador” e elogia o lote de jogadores academistas, que considera “excepcionais e merecedores da boa classificação obtida nesta época”.

Por outro lado, está a ser organizada a nova direcção que, segundo o presidente de secção actual, visa “descentralizar o basquetebol da académica, que se encontra muito centralizado em alguns indivíduos”. Mário Costa, referindo-se à existência de “divergências internas na família do basquetebol academista”, apela a uma direcção “unida”.

No que diz respeito a transferências dos jogadores, há um interesse em manter o actual grupo de trabalho e obter “mais um america-

no de qualidade, para auxiliar Gregory Morgan, que “se adaptou muito bem e foi dos jogadores que viveu mais a Académica”.

No entanto o sucesso do basquetebol na AAC foi visível também nos escalões de formação, onde a maioria conseguiu chegar às fases finais. Assim, há inclusive a possibilidade de “dois juniores acederem para o escalão principal” já este ano.

Para a próxima temporada os dirigentes gostariam que a Académica usufrísse de um pavilhão próprio de treinos, de modo a evitar a actual situação, onde têm que partilhar com outras secções o pavilhão Jorge Anjinho, o que cria condicionamentos.

No referente às condições financeiras, para Mário Costa “não interessa subir à Liga TMN e entrar em crise”. Para tal acontecer, a AAC teria que, para o ano, “mais do que duplicar o actual orçamento”, o que é difícil, uma vez que, para o presidente da secção de basquetebol, o futebol em Coimbra canaliza quase todos os fundos.

EDITORIAL

Reitor “à la carte”

“Sinto ser meu dever fazê-lo neste momento, num tempo de complexos desafios que a todos se colocam, em que a universidade precisa de agregar todas as suas forças próprias, para reencontrar a cadência da passada nesta sua já longa caminhada. Faço-o porque tenho ideias para a defesa e a afirmação do prestígio da Universidade de Coimbra, para o reforço da coesão institucional, para a criação de melhores condições de trabalho e de estudo, para a procura do conhecimento e para a exigência da qualidade a todos os níveis de intervenção, como deve ser timbre da instituição universitária” - era desta forma que, há cerca de um ano e meio, Fernando Seabra Santos justificava a sua candidatura a reitor da mais antiga universidade portuguesa.

Nessa altura, os estudantes com assento na Assembleia da Universidade votaram massivamente no docente da faculdade de Ciências e Tecnologia como reitor. Aquele que era então o mais proeminente vice-reitor da equipa que acompanhou Fernando Rebelo durante o seu reitorado, responsável pela área das infra-estruturas, tinha a confiança do corpo discente. As boas relações mantidas com a Associação Académica de Coimbra (AAC), vários núcleos e outras organizações estudantis fizeram mesmo

com que vários dirigentes e ex-dirigentes estudantis apoiassem publicamente a candidatura de Seabra Santos em detrimento do outro candidato, José Reis.

Hoje, já empossado, o discurso de Seabra Santos parece ter sofrido uma inflexão gravosa. Aquele que antes defendia “a exigência do financiamento devido à instituição para funcionamento e investimento e a eliminação imediata da notória discriminação de que vem sendo alvo, há demasiado tempo”, parece ser agora um mero executante dos intuitos do Governo.

Vem esta pequena reflexão histórica a propósito da última reunião de senado. Mais uma vez, Seabra Santos deixou de lado os seus propósitos de defender a unidade dos vários corpos universitários e preferiu servir os propósitos do Executivo de Durão Barroso, defendendo a propina máxima. Se é certo que são, dentro

de certos limites, compreensíveis os argumentos de que só assim a universidade se poderá manter minimamente competitiva, o certo é que estes jamais se poderão sobrepor a princípios e direitos constitucionalmente consagrados, como o direito ao livre acesso ao ensino superior. Porém, uma invasão estudantil bem sucedida do senado (apesar de surgir como um derradeiro e polémico recurso, como o próprio presidente da Direcção-Geral da AAC reconheceu) adiou esta discussão.

No entanto, como menino bem-comportado, o reitor não quis defraudar as contas do ministério da Ciência e do Ensino Superior. Assim, Seabra Santos rapidamente decidiu que, visto ser previsível a contínua invasão do senado por parte dos estudantes para inviabilizar a fixação da propina, a votação para esse efeito se procederia por envelope. Mais uma vez, o reitor cumpriu diligentemente os intuitos do executivo de Durão Barroso, com os estudantes agora a efectuarem uma última e estóica intervenção nos tribunais para tentarem inverter o rumo da situação.

É pena que a universidade que dá nome ao grupo que junta as mais antigas e prestigiadas instituições de ensino superior da Europa não tenha um líder, mas sim um burocrata à sua frente. É pena que, numa altura em que a proposta governamental para a revisão da lei de autonomia universitária preveja já a colocação de elementos indigitados à frente do governo das universidades públicas, a Universidade de Coimbra tenha decidido ser pioneira, assumindo-se o seu reitor como um burocrata bem-comportado na execução das medidas governamentais. É pena que Coimbra, num último suspiro da sua liberdade autonomista, tenha escolhido a mera submissão. **Emanuel Graça**

“É pena que a universidade que dá nome ao grupo que junta as mais antigas e prestigiadas instituições de ensino superior da Europa não tenha um líder, mas sim um burocrata à sua frente”

Bárbaras Invasões

Vânia Álvares *

Estávamos todos ali exactamente com o mesmo objectivo: evitar que a propina máxima fosse votada. As razões para isso eram diversas, não posso saber as de cada um, sei as minhas. Sei que fomos empurrados pelas circunstâncias, que os acontecimentos nos ultrapassaram, nos puseram entre a propina e a invasão. Reconhecê-lo é triste acima de tudo porque é assumir a incapacidade dos estudantes para explicarem (sim, porque quem percebe o que realmente se passa não pode senão colocar-se do lado da razão) que a propina máxima não beneficia ninguém, não beneficia obviamente os estudantes nem as suas famílias, tal como não beneficia a Universidade, a própria cidade ou o país. Senão vejamos: os estudantes vão pagar incomparavelmente mais, exactamente pela mesma falta de condições; a Universidade vai como no passado receber cada vez menos do bolo financeiro estatal, pois agora está autorizada a cobrar mais aos seus “clientes”, e se não cobrar é problema seu; Coimbra conhecida como ponto de encontro de gentes de todo o país, e até de todo o mundo, vai passar a ser a Universidade dos de Coimbra, porque ninguém vem de Trás-os-Montes (como eu vim) para pagar bem mais do que se ficasse logo ali em Braga ou no Porto.

Quanto ao país (porque esta não é uma questão local como tanto conviria aos burocratas da capital), quando vão os nossos políticos perceber que o futuro é o conhecimento, que só uma sociedade de cidadãos formados e informados, com o verdadeiro sentido da “civitas” poderá tirar Portugal da cauda da Europa?! Quantas vezes será necessário repetir que a produtividade aumenta e a economia se desenvolve quanto mais cada qual souber do seu ofício, quanta mais facilidade tiver em aprender e desenvolver, inovar. A isto chama-se educação.

O nosso avanço impediu uma votação que mais não seria que os professores e funcionários a decidirem o seu próprio salário e é isto que eu gostava que aqueles senhores engravatados de prepotência percebessem: 95 por cento do orçamento da Universidade vai parar direitinho aos seus ilustres bolsos! E quando assim é, que legitimidade se pode arrogar quando se discutem propinas? Como podem tentar escudar-se em quimeras conceptuais como a qualidade e a excelência, quando as propinas já representam entre 10 a 15 por cento do total do orçamento, e todos sabemos que o investimento do Estado está a diminuir e não potencia o desenvolvimento? Repito que estavam apenas a tentarem cobrar os seus salários. Este facto subverte toda a cooperação intercorpos universitária, passando de uma lógica de prestação de um serviço à sociedade em geral, para a mera cobrança de uma pesada taxa. Passamos a ter clientes de um lado e vendedores do outro, e quando assim é, não há Constituição que nos valha.

Foram distribuídas flores vermelhas, aquelas da Evolução, com o terceiro D colado ao caule. Mas já há muito que o desenvolvimento deixou de estar na mira destes senhores e este gesto passadista por parte dos filhos da revolução não quis mais do que lembrar que as promessas são para cumprir, que quem um dia cantou Zeca na rua, não pode agora expulsar os estudantes dos órgãos apelidados de democráticos, não pode actualizar uma propina da década de quarenta. Para quem afirma que é indiferente, tenho a dizer que na Áustria, depois de um aumento de propinas, houve um decréscimo de 20 por cento nas candidatu-

ras ao Ensino Superior. E nós somos o país da UE com a mais baixa taxa de licenciados, incluindo o recente alargamento.

Defendi a invasão como última “ratio”, e uma vez lá dentro confirmei todas as minhas suspeitas: quando recorremos ao confronto, sem ter em vista a conciliação, perdemos todos. Todos sem excepção. Se cada um dos senadores tivesse que votar nominalmente e por sua honra a propina máxima, representando isso o preço a pagar por uma universidade realmente de excelência, nenhum a poderia em consciência aprovar. Ninguém dentro daquela sala me podia garantir que no próximo ano eu vou ter lugar para me sentar, ou que os meus colegas do Pólo II vão ter transportes, que em Bioquímica vão ter espátulas, que em Farmácia as pessoas se vão poder movimentar nos laboratórios, que em Economia não vai existir uma turma fantasma que não tem professores, e que também não vai haver cadeiras com mais de 90 por cento de insucesso em que ninguém arca com consequências a não serem os próprios alunos, que vão existir bibliotecas e salas de estudo como espaços abertos e com horários alargados, que vai haver mais do que 1300 camas para os cerca de 13.000 deslocados, que Desporto vai ter mesmo uma faculdade. Esta lista aleatória é apenas uma pequeníssima amostra.

Ao aprovarem a propina máxima, das duas uma: ou mentiriam ao cobrar aquilo que não dão, ou mentiriam ao prometerem o que não podem cumprir. Não são queixas novas, e não vão desaparecer com os trocos das propinas, que representam um grande sacrifício para os orçamentos familiares. Assumam-no: não é por estes problemas que deixamos de ser uma Universidade de prestígio internacional. Não podemos continuar a fingir que tudo está bem, afinal do que temos medo? Da propalada concorrência? A Universidade de Coimbra não precisa da propina máxima para provar nada, aliás a nossa Universidade é das poucas que se pode dar ao luxo de não ter que ceder nos seus princípios ante a pressão externa, está acima disso. O desafio é saber se temos confiança suficiente. É isso que a propina representa, a certeza de hoje sermos o que sempre fomos, sem concessões.

Quando os gritos de ordem começaram a ecoar, as reacções de reprovação não se fizeram esperar. Os olhos começaram a arregalar-se de ameaças. Estava patente a mais triste das realidades, todos queríamos o melhor para a nossa instituição e ela estava completamente esquecida. Isto não é uma luta de “gangs”, e a desejada autonomia é acima de tudo o assumir de responsabilidades, de parte a parte. Não pode haver uma discussão séria quando não se está disposto a ouvir, a encontrar a melhor solução. E no meio da confusão ouve-se a voz do Reitor, que, para surpresa geral, volta a dizer o que teríamos razões para ter esquecido: ele é pessoalmente contra as propinas. Mas pelo sim, pelo não, quer que nós paguemos a máxima, nem que tenha que a fazer aprovar por correspondência. Decida-se: ou quer uma Universidade uma como tinha no seu programa, ou quer uma Universidade de guerrilha; ou é contra as propinas, ou é a favor da máxima; ou é isto um grito pelo Ensino Superior Público, ou é uma luta de estudantes; ou temos dignidade e confiança na nossa singularidade, ou somos só mais uma... o desafio está lançado.

* Estudante de Direito

Carta ao Director

Naufrágio da Luta Académica

A falta de mobilização dos estudantes da nossa academia tem sido motivo de conversa um pouco por toda a cidade, desde os cafés, passando pelos corredores da associação, e mesmo neste jornal... E os números vêm sempre ao de cima, pois de entre cerca de 20 mil estudantes, apenas algumas centenas estão mobilizados e são capazes de explicar claramente os porquês da luta. De entre muitas dessas conversas, fui tirando conclusões acerca dos motivos que levam os jovens a não se identificarem com a luta pelos seus próprios direitos, preferindo até ficar em casa ou no café, enquanto uns poucos invadiam o último Senado Universitário.

Entre todas as possíveis razões, parece-me que a falha não está nos motivos que os estudantes afirmam ter para protestar, porque de facto esta nova lei do financiamento tem muito que se lhe diga e bastantes famílias e estudantes irão ser prejudicados. A prova é que os próprios governantes não têm uma resposta de mérito contra aquilo que reclamamos, refugiando-se na desresponsabili-

zação e na falta de diálogo, não esquecendo a continuidade política que a nova ministra da Ciência e Ensino Superior decidiu assumir face à demissão de Pedro Lynce. Mas a culpa também não é deles, pois este movimento não os afecta, nem tampouco do Magnífico Reitor da nossa Universidade, que inúmeras vezes se manifestou contra o aumento das propinas mas insiste em impor o valor máximo. A culpa deste Naufrágio da mobilização não é do ideal, dos métodos implementados nem dos opositores que enfrentamos!

O principal motivo é a VERGONHA que qualquer estudante sente quando em plena mobilização na Assembleia da República ou no Senado Universitário se confronta com a arrogância e a falta de maturidade e bom senso dum determinado número de colegas, que armados de megafones irrompem em pleno desrespeito pelos docentes e pelo Reitor, chamando-os Fascistas e Nazis..., sem sequer saberem o peso que tais palavras acarretam quando despropositadas e usadas insultuosamente, fazendo completamente o inverso daquilo que devia ser o objectivo interme-

diário da Luta, que é sensibilizar o maior número de pessoas para a nossa causa, as quais nos apoiem e estejam do nosso lado nos momentos mais difíceis.

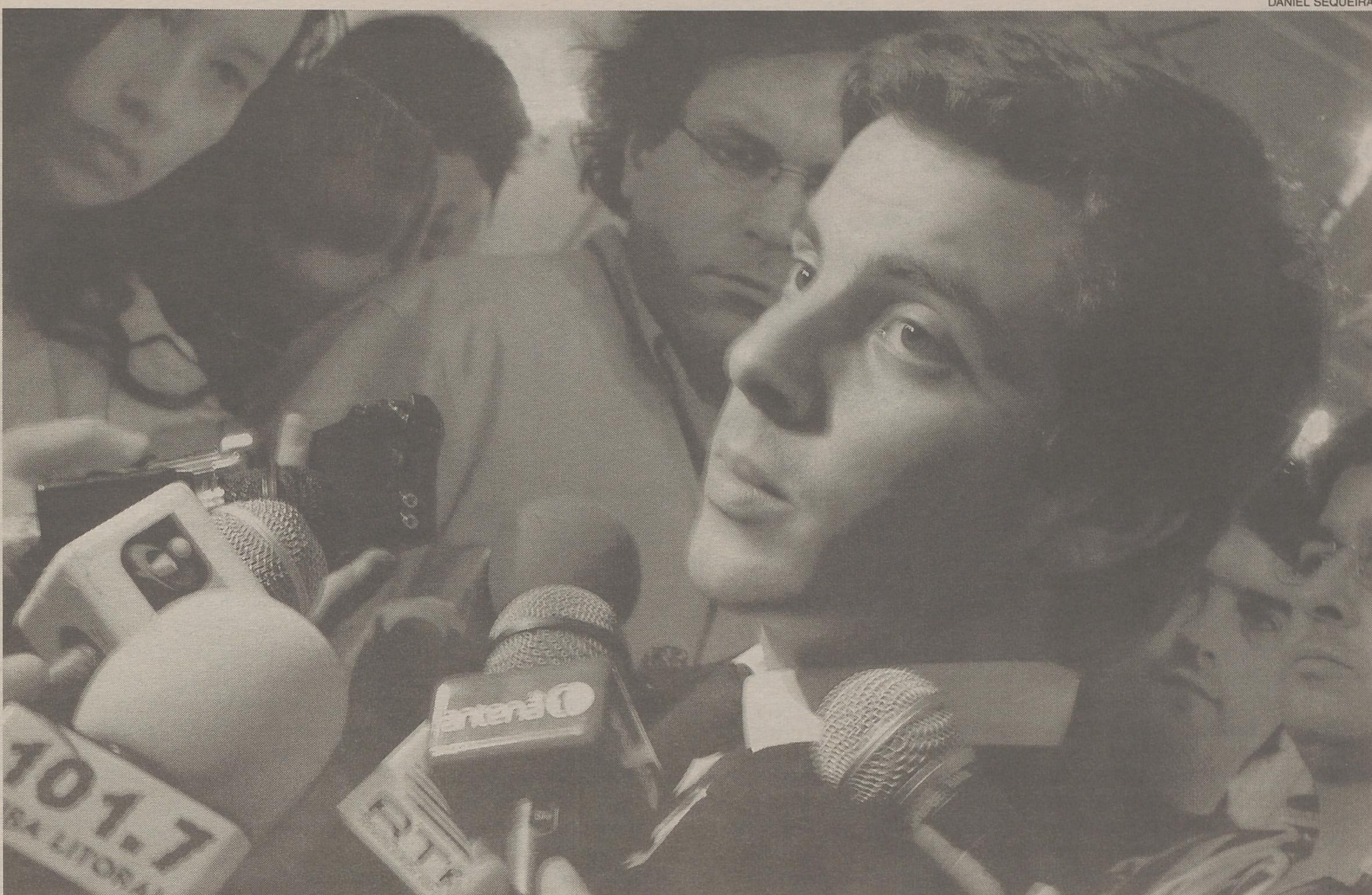
O tempo destas atitudes de protagonismo barato e de pseudo-revoluções já passou! Porque não se revolucionam eles contra si próprios e contra o impacto grosseiro e desagradável que causam?!

Esta postura desprezível de certos membros da nossa comunidade estudantil, que insistem em envergonhar o nome da nossa Academia, não se enquadra naquele que deve ser o espírito e a postura da luta.

Nada conseguiremos no futuro próximo se a Universidade e os respectivos órgãos de gestão nos virarem as costas, se os docentes perderem qualquer respeito, que ainda possa haver, para com a Associação Académica mais antiga do país. Precisamos desses órgãos e dessas pessoas do nosso lado e não é com situações como a criada no último Senado que iremos salvaguardar o respeito e o apoio da opinião pública perante a nossa luta.

Freddy Monteiro

DANIEL SEQUEIRA



Miguel Duarte contesta a legalidade do voto por correspondência da propina para a Universidade de Coimbra

Votação por correio gera polémica

“Estado de necessidade” é o argumento usado por Seabra Santos para justificar a medida

Os estudantes entregaram duas providências cautelares a contestar a validade da votação por correspondência, medida tomada após a invasão do Senado, pelo reitor. Caso a decisão não seja favorável os estudantes prometem impugnar o escrutínio

Margarida Matos

Na sequência da invasão do Senado Universitário por um grupo de estudantes, que impediu desta forma, a fixação do valor máximo das propinas para o próximo ano lectivo (852 euros) o reitor da Universidade de Coimbra (UC), Seabra Santos, anunciou que a decisão do montante a pagar ia ser feita por correspondência.

No entanto, esta decisão tem sido contestada pelos estudantes, que entregaram no início da semana passada, no Tribunal Administrativo de Coimbra, duas providências cautelares

a questionar a legalidade deste procedimento. Os estudantes pediram ainda que os membros do senado sejam intimados pela instância judicial a não utilizarem este método de voto para fixar o montante da propina.

Voto por correspondência legal?

A votação por correspondência não é permitida no regulamento do senado da UC, aprovado em Março passado. “Não é admitido o voto por procuração ou por correspondência”, refere o artigo 32º dos estatutos deste órgão.

Devido a esta cláusula, Seabra Santos terá recorrido ao artigo 3º do Código de Procedimento Administrativo (CPA) para sustentar a validade da decisão. Este artigo determina que “os acordos administrativos praticados em estado de necessidade, com preterição das regras estabelecidas neste código, são válidos, desde que os seus resultados não pudessem ter sido alcançados de outro modo”.

O “estado de necessidade” invocado por Seabra Santos para recorrer à votação por correspondência é considerado pelo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte, “como desproporcionado em relação ao acto”. O dirigen-

te associativo justifica que “só quando há uma catástrofe é que se justifica uma votação extraordinária”. Este procedimento deve ser “o último recurso”, conclui.

De acordo com o administrativista Vieira de Andrade, da Faculdade de Direito da UC, em declarações ao jornal “Público”, “quando o uso dos meios normais não é possível, é legítimo recorrer a outros meios, neste caso para apurar o sentido de voto”. Vieira Andrade considera que a “a decisão [do reitor da UC] tem razão de ser, é válida”. A outra alternativa era chamar a polícia, mas isso seria “desproporcional”, disse o administrativista, que defendeu que, neste caso, vale o “princípio da proporcionalidade”. Ou seja, “deve tomar-se a decisão mais adequada e que cause menos prejuízo às partes envolvidas”, esclarece.

Assim, para o especialista, “esta solução é legal, porque todas as competências dos órgãos administrativos são deveres, logo têm que ser cumpridos” - como é o caso da fixação das propinas por parte do senado da UC. “O que não pode acontecer é um órgão administrativo ficar parado, impossibilitado de defender o interesse público”, afirma Vieira de Andrade, acrescentando que a posição de Seabra Santos “está de acordo com o Estado de Direito”.

Impugnação como medida alternativa

Entretanto, o Tribunal Administrativo de Coimbra deve responder às providências cautelares nos próximos sete dias, prazo que terminou ontem. No entanto, até à data de fecho desta edição não nos foi possível ter acesso à resposta.

Caso a petição seja aceite o voto por correspondência não avança, mas Miguel Duarte salvaguarda que “se nenhuma destas providências cautelares for tida em conta, o acto vai ser impugnado”. A este respeito, o dirigente explica que os membros do senado - estudantes, funcionários e professores - já receberam as cartas em casa, as quais que devem ser reenviadas, com os votos, para a reitoria, até amanhã. Posteriormente, será constituída uma mesa eleitoral responsável pelo escrutínio dos mesmos.

Miguel Duarte garante que os estudantes senadores não vão participar na votação, sendo os seus votos enviados directamente para o Ministério da Ciência e do Ensino Superior. Segundo o dirigente, esta acção de protesto visa “demonstrar a desresponsabilização do governo pelo ensino superior público”, pois a adopção do montante da propina que “deveria estar a cargo do Executivo, é agora dever dos senados das universidades”.

Semana de férias reúne estudantes em Espanha

Vítor Aires

Sol, praia, festas e diversão: são estes os condimentos que prometem apimentar a vida dos estudantes universitários portugueses durante uma semana. A iniciativa “Summer Trip” é destinada a todos os estudantes universitários de Coimbra, especialmente aos estudantes Erasmus em Portugal e aos portugueses que voltam após um ano de estudo no estrangeiro e decorre em Lloret de Mar, em Espanha, durante a semana de 23 a 31 de Julho.

O programa integra actividades como visitas a vários parques aquáticos e de diversões, que incluem uma passagem pelo maior bungee jumping do Mundo, certificado pelo Livro de Recordes do Guinness. Está ainda agendado um workshop de massagens shiatsu, além de convívios para todas as noites. O último dia da semana da “Summer Trip” será ocupado com uma visita à cidade de Barcelona.

A iniciativa está a ser organizada pelo Pelouro de Relações Internacionais da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), em parceria com a Total Fun Entertainment, uma agência de viagens e animação turística.

Um dos membros da organização, Ricardo Baptista, da Total Fun Entertainment, destaca, entre as actividades da semana, a “Mega Festa da Espuma”, a realizar na discoteca Colossos, e um convívio em pleno Mar Mediterrânico num veleiro catamaran. Para o responsável, “esta combinação explosiva de emoções pretende seduzir todos os estudantes universitários da cidade de Coimbra”. Outro dos objectivos é “promover a junção de jovens de diferentes países, numa mesma iniciativa, num lugar comum”, Lloret del Mar. Recorde-se que a cidade espanhola espera para este Verão cerca de 120 mil jovens de toda a Europa.

Para o coordenador do Pelouro de Relações Internacionais da DG/AAC, Miguel Rio, o evento “pretende ser um espaço de partilha de experiências e de troca de culturas”, algo a promover numa Europa em alargamento. Apesar de o programa ter sido anunciado há pouco tempo, a adesão dos estudantes “é já muito boa, como era de esperar”. O dirigente associativo lembra que, ainda antes do lançamento da viagem, “a expectativa era já muita”, em especial entre os estudantes de Erasmus, que queriam “mais informações a todo o momento”.

Miguel Rio adianta que esta iniciativa é para repetir “já no próximo ano”, mas com actividades associadas, como debates e conferências a realizar em Coimbra sobre as vantagens e dificuldades com que se deparam os alunos do programa Erasmus e os universitários em geral.

6 UNIVERSIDADE

Privadas podem não receber Medicina

Candidaturas de instituições privadas apresentam deficiências

O grupo que avaliou as candidaturas das seis instituições privadas que pretendem leccionar o curso de Medicina revelou que as propostas apresentam algumas deficiências. No entanto, as escolas afirmam que apresentaram candidaturas com condições para o ensino nesta área da saúde

Tiago Azevedo

As propostas de cursos privados de Medicina não cumprem os requisitos necessários para entrarem em funcionamento. Este foi o resultado da primeira avaliação do Grupo de Missão para as Ciências da Saúde, um grupo responsável pela análise e avaliação das seis candidaturas existentes: Universidade Lusófona, Escola Universitária Vasco da Gama, Universidade Fernando Pessoa, Instituto Piaget de Viseu, Universidade Egas Moniz e Instituto Superior de Ciências da Saúde do Norte.

De acordo com a primeira apreciação do Grupo de Missão, coordenado por Alberto Amaral, as principais lacunas prendem-se com uma subavaliação da viabilidade financeira, um número de doutorados insuficiente, hospitais com protocolos com mais de uma instituição e a falta de investigação científica. No caso do corpo docente, as principais preocupações têm que ver com a repetição de nomes de professores em mais do que um projecto e a apre-

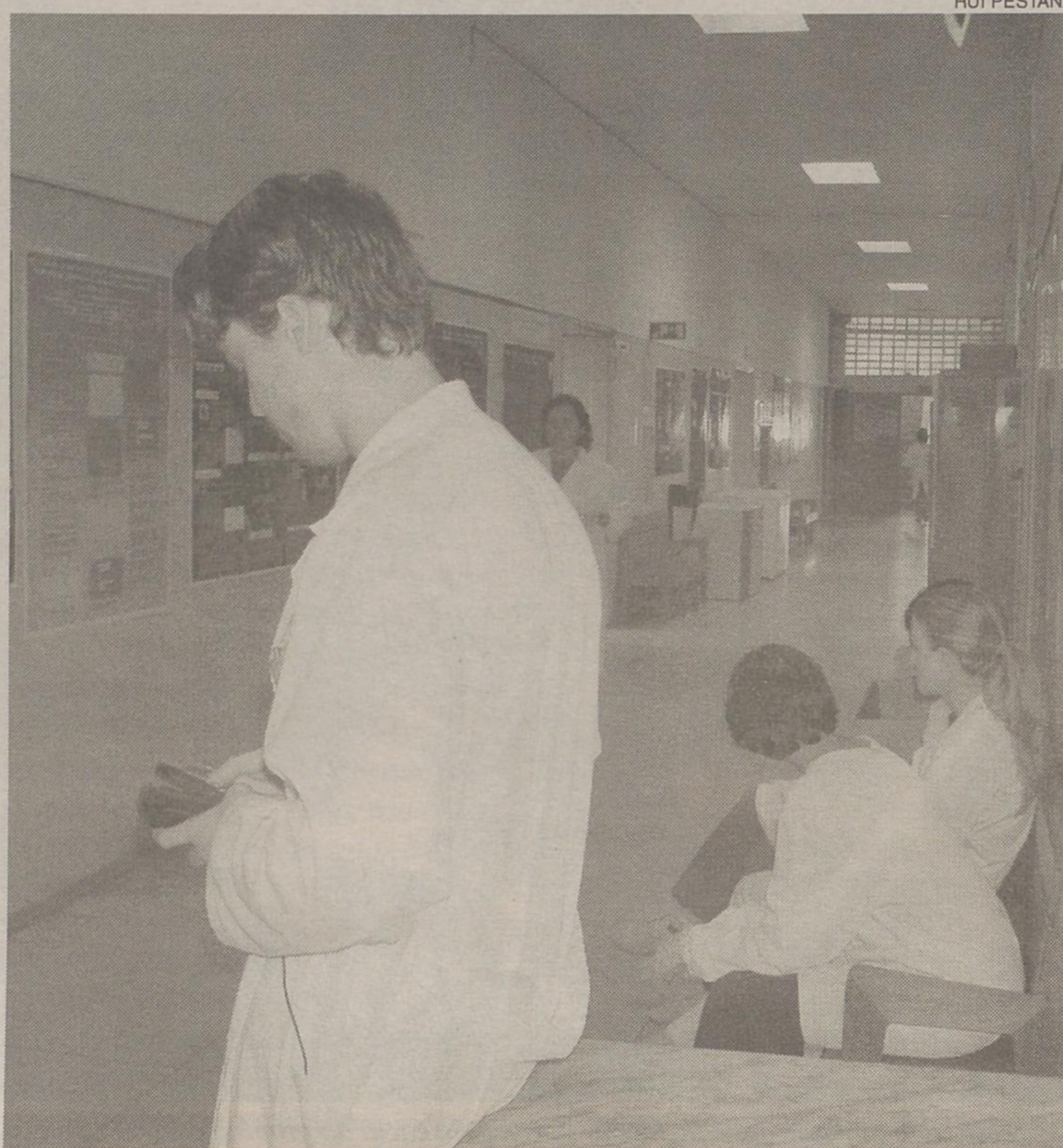
sentação de listas que contam com vários professores aposentados. Outro dos problemas relativo à colaboração com os hospitais é o facto de alguns protocolos terem sido assinados antes da transformação das unidades em hospitais de sociedade anónima, uma situação que ainda carece de confirmação com as novas administrações.

Segundo Alberto Amaral, coordenador do Grupo de Missão, as deficiências "variam consoante as candidaturas". Entre os principais problemas, destaca-se a subestimação dos "orçamentos necessários para ter uma faculdade de medicina em condições".

Privadas discordam da avaliação. Esta primeira apreciação gerou alguns protestos entre as instituições de ensino privado. Manuel Damásio, presidente da Cooperativa de Formação e Animação Cultural, entidade que instituiu a Universidade Lusófona, afirma que as alegadas deficiências em relação à candidatura da sua instituição "não têm razoabilidade". De acordo com Manuel Damásio, a Lusófona tem todas as "condições para aderir imediatamente ao curso de Medicina com a mais alta qualidade". O dirigente acrescenta que a candidatura apresenta "um corpo docente de excelência, que não oferece contestação em nenhuma parte do mundo".

Quanto à questão das infra-estruturas, Manuel Damásio refere que existem laboratórios com boas condições e protocolos com hospitais, "alguns dos quais a trabalharem em exclusivo" com a instituição. No que toca ao financiamento, o dirigente não vê razões para que "uma licenciatura em Medicina pudesse vir por em causa o equilíbrio dentro da universidade".

Do mesmo modo, o director da



Cursos de Medicina em instituições de ensino privadas podem não arrancar

Escola Universitária Vasco da Gama, Linhares de Castro, salienta que a instituição realizou "uma boa candidatura". No entanto, refere que é sempre possível que "uma comissão que avalia estes cursos possa encontrar algumas insuficiências". Linhares de Castro conclui que só conhecendo o relatório e as falhas apontadas ao projecto da instituição a que preside é que pode comentar e analisar a avaliação realizada pelo Grupo de Missão. Ainda assim, o dirigente demonstra alguma incompreensão em relação à decisão, salientando mesmo que esta candidatura apresentava maior qualidade

que a anterior. Neste ponto, até o Grupo de Missão concorda, com Alberto Amaral a salientar o facto de, apesar de ainda inviáveis, estas candidaturas "em termos pedagógicos estarem melhores do que as anteriores".

Entretanto, o bastonário da Ordem dos Médicos, Germano de Sousa, já veio concordar com a apreciação do Grupo de Missão. De acordo com o bastonário, os cursos de Medicina existentes "são suficientes", o que é necessário é dar "condições às faculdades", quer ao nível dos doutorados, quer ao nível das instalações.

Ministra desdramatiza

De acordo com a ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, esta foi apenas a primeira avaliação. A ministra acredita que "alguns dos cursos podem ter condições para avançar" e que o mais importante é a decisão final que terá em conta os vários pareceres.

Entretanto, Maria da Graça Carvalho anunciou a abertura de mais 169 vagas para os cursos de Medicina no próximo ano lectivo. Referindo-se ao número de vagas, a ministra adianta que existe "um equilíbrio entre a quantidade e a qualidade", salvaguardando que todas as instituições públicas participaram no debate sobre a criação destas vagas.

Entretanto, a Universidade do Algarve (UALG) voltou a reafirmar o seu interesse em vir a leccionar o curso de Medicina, integrado no futuro Hospital Central, que será construído perto de Faro. O reitor da UALG, Adriano Pimpão, já defendeu que a universidade tem todas as condições para receber o curso de Medicina e que a instituição apresentará a candidatura durante o mês de Julho.

Também a Universidade de Évora está nesta corrida por um curso de Medicina, uma vez que a ministra afirmou ser natural que um dos novos hospitais universitários a serem construídos seja localizado na zona Sul do país. Évora é uma das cidades que deve receber um novo Hospital Central, uma unidade que, segundo o reitor da Universidade de Évora, Manuel Ferreira Patrício, deve servir "as necessidades e exigências de um hospital universitário".

Catedráticos sem precisar de ter dado aulas

Alterações no Estatuto da Carreira Docente prevêem novos modelos de acesso e progressão na carreira de professor nas universidades e politécnicos

João Pereira

A ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, quer fazer com que a experiência como professor deixe de ser requisito obrigatório para a progressão na carreira de docente universitário. Mesmo a entrada para o lugar de catedrático poderá vir a ser feita directamente, sem que o candidato tenha passado por outros patamares da carreira. O anúncio foi feito no dia 3, durante a assinatura do programa-contrato com a Universidade da Madeira.

O objectivo destas alterações é promover o

emprego científico, possibilitando a entrada no quadro de jovens investigadores, bem como permitir o aproveitamento da experiência no meio empresarial, dando hipótese a que empresários acedam à docência. No discurso proferido durante a cerimónia da assinatura, citado pelo "Diário Económico", a ministra defende a necessidade de "criar condições para que os jovens investigadores que por mérito próprio saem de Portugal para completarem a sua formação, não se sintam ostracizados no seu país por força de interesses corporativos".

Assim, é intenção da tutela que para o cargo de professor catedrático baste ao candidato ter um doutoramento, um mínimo de oito anos de experiência profissional como investigador ou na área empresarial e passe nas provas de agregação – um teste de dois dias em que o candidato dá uma aula perante um júri e apresenta, no dia seguinte, o seu currículo académico. Contudo, Nuno Rilo, do Departamento do Ensino Superior da Federação Nacional de Professores (FENPROF), afirma que este método dificilmente permitirá a entrada de não-docen-

tes. "A prova é muito exigente e neste momento quase não há agregações que não sejam de professores", explica, sublinhando que o acesso por este método de quem não tenha experiência como professor é apenas "uma possibilidade teórica".

De qualquer forma, Nuno Rilo diz que até agora a FENPROF não recebeu qualquer informação do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, quando estava previsto que as negociações comessem em Maio. A este respeito, o sindicalista garante que a FENPROF não está disposta a levar a cabo "negociações efectivas" nos meses de Junho e Julho, que coincidem com os períodos de exames e de férias de Verão. Quando muito, poderão ser discutidos os "moldes das negociações", acrescenta.

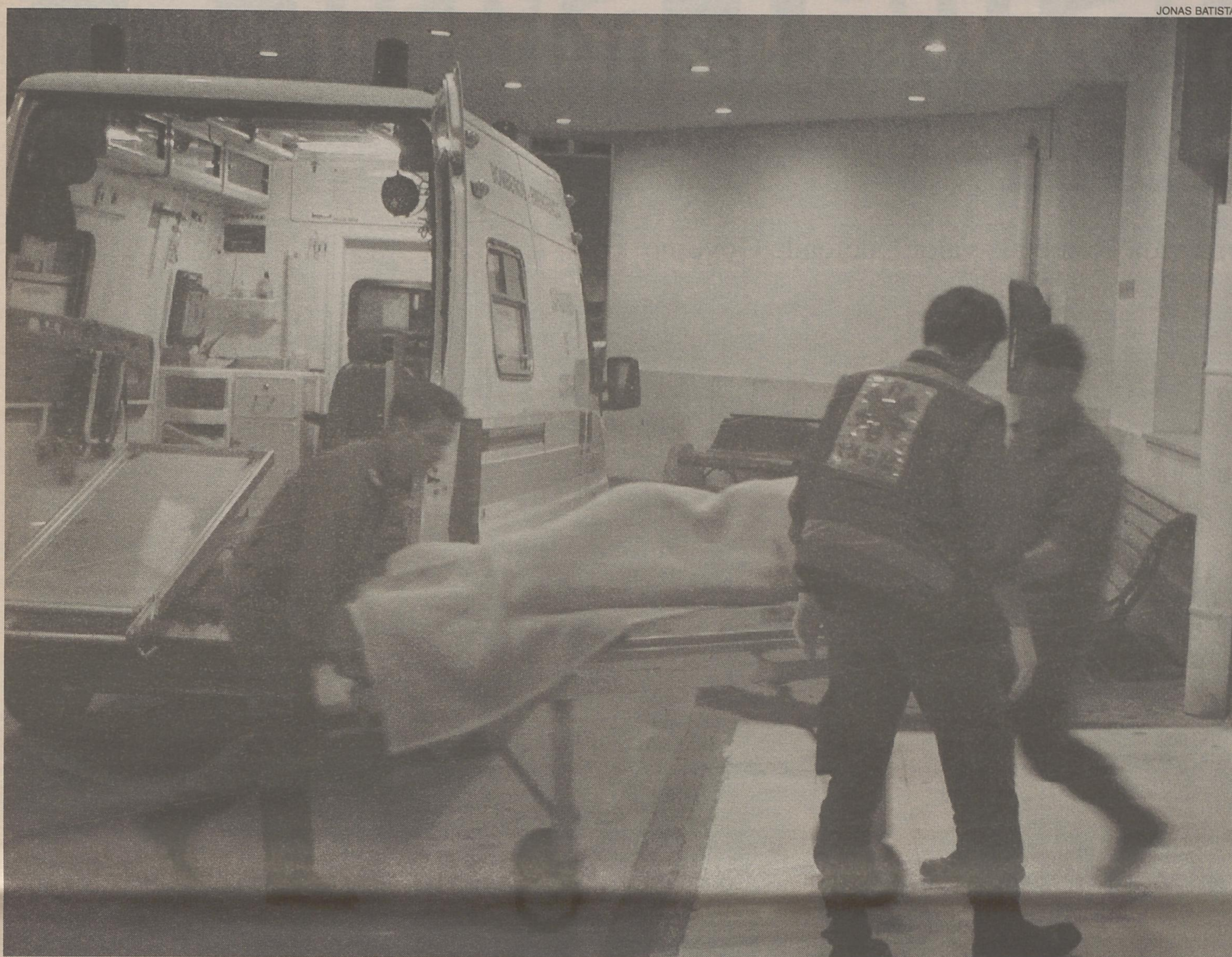
Uma longa escada

Actualmente, subir os degraus da carreira docente é um percurso demorado e dependente da abertura de vagas nos quadros. O docente começa por ser assistente estagiário. Depois de concluir o mestrado, passa a assistente. Em se-

guida, a conclusão do doutoramento dá acesso ao lugar de professor auxiliar, desde que haja a vaga necessária. Com cinco anos de experiência como auxiliar é possível aceder à categoria de associado. Por fim, para se chegar a catedrático, são precisos três anos como auxiliar e a abertura de uma vaga, o que normalmente só acontece pela reforma de um professor.

Os quadros enquanto método de recrutamento e de promoção são alvo de críticas por parte de Nuno Rilo. Como há uma dependência do sistema de vagas, "ninguém vai recrutar se tem pessoas para promover – logo, a mobilidade não resulta". Nuno Rilo defende que o quadro não deve ter esta dupla função, podendo a promoção ser feita "por mérito absoluto", através de uma prova cujo resultado determina a aprovação do candidato – "devia ser esta a prova a dar acesso à cátedra", conclui.

Os princípios da revisão do Estatuto da Carreira Docente serão alvo de discussão em Conselho de Ministros, não havendo ainda uma data marcada para que este assunto seja levado a Parlamento.



JONAS BATISTA

Novo serviço de urgência dos HUC entrou em funcionamento no início do mês

HUC preparados para o Euro

Novo serviço de urgências permite maior capacidade de resposta

As novas instalações do serviço de urgência dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) foram inauguradas no dia 8. O Campeonato da Europa é o primeiro desafio da unidade

João Pedro Campos

As obras do novo serviço de urgência dos HUC foram financiadas em quatro milhões e meio de euros e duraram apenas quatro meses, permitindo o funcionamento normal do serviço. Em termos de calendarização, este projecto cumpriu os prazos estabelecidos sem desvios nos custos financeiros.

Esta nova urgência faz parte do plano de contingência para o Euro 2004. No entanto, e segundo a directora clínica dos HUC, Helena Sá, tal aconteceu por “mera coincidência temporal”. Esta obra era já uma necessidade do hospital e foi planeada pelo conselho de administração nos dois anos anteriores. A directora clínica dos HUC salienta

ainda que, com esta integração no âmbito do Campeonato da Europa de Futebol, “foi possível um maior financiamento da obra e uma melhor resposta dos HUC como hospital de referência no apoio ao Euro 2004”.

O serviço de urgência, tal como existia, estava preparado para uma média de 60 ocorrências diárias, sendo insuficiente para a média diária actual, que se situa entre as 380 e as 400. Esta remodelação consiste numa melhoria das instalações já existentes, que se juntam a um novo espaço construído.

A nova urgência totaliza agora cerca de quatro mil metros quadrados de área, em que é possibilitado maior conforto e privacidade aos doentes. Para além disso, o serviço possui novos sectores. Nestes, destacam-se novas salas de emergência e urgência. A primeira destas salas, de grandes dimensões e melhor equipada para receber os doentes; a segunda, para doentes vindos dos postos e com apoio central.

Há ainda uma área de avaliação inicial, composta por três espaços de tratamento e três gabinetes de consulta. Neste espaço, um grupo de enfermeiros e médicos faz uma triagem dos doentes para os sectores específicos: os casos mais graves são

dirigidos para a sala de urgência, em que o tratamento é feito com maior privacidade. Os casos menos graves são orientados para gabinetes de consulta.

A sala de acompanhantes também sofreu alterações. Criou-se para este efeito um novo espaço de espera e um gabinete de apoio, onde são dadas regularmente informações sobre o estado dos doentes.

Críticas desvalorizadas

Segundo Helena Sá, esta reestruturação permite ao serviço de urgência uma maior capacidade de resposta, sobretudo em “situações de multi-vítimas ou catástrofes, o que anteriormente era impossível”. Todas as áreas começaram a funcionar no dia 8, à excepção da sala de observações e da unidade de medicina intensiva, que iniciaram a actividade na quarta e quinta-feira, respectivamente. “As áreas fundamentais estão em funcionalidade plena”, adianta a directora clínica dos HUC.

Para além da implementação destas áreas, houve ainda obras de melhoramento em dois pólos já existentes: a sala de observações e a unidade médica intensiva. Estas duas unidades foram equipadas com monitores e outros equipamentos mais modernos e foi aumentado o

número de camas.

A nível de recursos humanos também há alterações. A ampliação de alguns sectores levou a um reforço do número de médicos, extensivo a todas as áreas durante o período do Euro 2004. Face à probabilidade de situações inesperadas, os profissionais receberam uma formação auxiliar nos últimos meses, nomeadamente através de acções de divulgação do plano de emergência.

A inauguração da unidade foi alvo de algumas críticas, nomeadamente por parte do sector de saúde do PCP. Em comunicado, o partido considerou este evento como campanha eleitoral, alegando que foi feito de forma apressada e com os equipamentos ainda sem condições. Helena Sá desvaloriza estas críticas, as quais considerou “completamente infundadas”. Ainda assim, a directora clínica dos HUC confirma que “há alguns acertos de última hora, mas estão reunidas as condições para o serviço poder funcionar em pleno”.

Entre as áreas deste serviço ainda em remodelação, há a realçar as unidades de Ortopedia, Imagiologia e o Bloco Operatório. Estão ainda previstos melhoramentos relativos à criação de um posto de farmácia e à descentralização da urgência.

Nova unidade do Pediátrico espera abertura

Filipa Oliveira

Apesar de já estar inaugurado há duas semanas, o novo Hospital de Dia do Serviço de Oncologia e Hematologia do Hospital Pediátrico de Coimbra (HPC) ainda não está em funcionamento. Segundo o director clínico do HPC, António Capelo, na base deste atraso está a falta de algum equipamento, ainda por chegar. No entanto, adianta o responsável, esta nova unidade deve estar já operacional na próxima semana.

Esta situação deve-se ao facto da oncologia funcionar anteriormente nos serviços de medicina, em que utilizava os equipamentos desta unidade. Com as novas instalações, foi necessária a aquisição de aparelhos próprios, os quais ainda não foram entregues. Assim, para já, apenas existem nove camas de repouso e vários cadeirões mais confortáveis, visto que muitos dos tratamentos precisam de um tempo de recuperação que não excede as 24 horas.

De resto, o novo hospital vai ocupar o espaço que era antes ocupado por gabinetes médicos. “Deu-se prioridade à parte assistencial em detrimento de algum conforto das pessoas que cá trabalham”, explica António Capelo.

Inaugurado no Dia Mundial da Criança, o novo Hospital de Dia do Serviço de Oncologia e Hematologia do HPC conclui o plano de emergência de pediatria daquela instituição médica, iniciado há sete anos. O objectivo deste centro, segundo o director clínico, é “evitar o internamento e diminuir o tempo de estadia das crianças no hospital, pois estão melhor em casa com os pais”.

O HPC já tinha no seu interior um serviço de medicina, no qual decorriam as actividades ligadas à oncologia. No entanto, era necessário criar uma secção que não fosse de internamento, onde as crianças fizessem os tratamentos que apenas se podem realizar num ambiente hospitalar. No fundo, e nas palavras de António Capelo, o que se pretendia era não “misturar no mesmo serviço patologias muito diversas”.

Para esse efeito, foi criado então este Hospital de Dia de Oncologia, onde as crianças são observadas durante o período diurno. Os doentes fazem análises ou algum exame complementar e ao fim da tarde regressam a casa.

O Hospital Pediátrico de Coimbra é, na região Centro, a única unidade de tratamento de crianças do fórum oncológico. No entanto, para além deste serviço, a instituição hospitalar tem outros hospitais de dia – medicina, ortopedia, cirurgia. Tudo para, como salienta António Capelo, tratar crianças “em todas as suas necessidades, a todos os níveis”.

8 NACIONAL

Educação de adultos em Portugal bem sucedida

“Uma mais valia para uma vida com mais valor”, defende Governo

Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências combate lacunas educativas da população activa

Pedro Santos

“Certifica as tuas competências. Vem fazer o 9º ano sem voltar à Escola” - este é apenas o mote de uma das campanhas de divulgação do Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), que tem cativado milhares de adultos portugueses a reverterem a sua formação adquirida ao longo da vida em graus escolares.

Mas como é que as competências adquiridas ao longo da vida podem ser certificadas com diplomas equivalentes ao 6º e 9º anos? O processo de RVCC foi criado pela extinta Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA), em 2000. Actualmente sob a tutela da Direcção-Geral de Formação Vocacional (DGFV), um serviço central do ministério da Educação, o RVCC visa, segundo o Roteiro Estruturante dos Centros RVCC, aumentar “a qualificação escolar e profissional da população portuguesa”. Esta missão é concretizada através dos profissionais de RVCC que diariamente trabalham nos cerca de setenta centros, criados pela DGFV e espalhados geograficamente por todo o país.

Em termos de metodologias, este processo possui uma primeira fase, a do “reconhecimento de competências”. Nesta, e segundo o manual da ANEFA, “procede-se à identificação pessoal das competências previamente adquiridas pelos adultos através do desenvolvimento de um conjunto de actividades, assentes numa lógica de balanço de competências (pessoais e profissionais)”.

Posteriormente e antes de se passar à certificação propriamente dita, entra-se na fase da “validação”. Esta, segundo o mesmo documento, representa um “acto formal realizado pelo centro de RVCC, onde se



A aprovação por um júri constitui a última fase do Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências

tomam como correctas as competências presentes no dossier pessoal do adulto para a sua respectiva certificação”. Aqui, é importante realçar um instrumento fundamental para a validação, nomeadamente o referencial de competências-chave, que preconiza um total de quatro áreas de competências: a matemática para a vida, a linguagem e comunicação, as tecnologias da informação e comunicação, e a cidadania e empregabilidade.

Para uma política activa de emprego

Em todos os processos educativos impera a necessidade de se proceder a uma avaliação consistente. Por isso, a DGFV solicitou ao Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos (CIDE) - uma empresa especializada na prestação de serviços no domínio das ciências sociais - um estudo sobre “os principais efeitos do RVCC na reconstrução

ou mesmo definição do projecto pessoal e profissional” do adulto. Pretendeu-se com isto “analisar o percurso socioprofissional dos adultos certificados até 31 de Dezembro de 2002”, tendo sido analisados 1290 dados individuais.

Acabado de sair do laboratório do CIDE, o documento revela conclusões positivas em relação ao processo. Assim, pode ler-se que, entre os principais resultados do RVCC, se salientam efeitos que “remetem para certas dimensões pessoais de carácter eminentemente subjectivo”.

Por outro lado, salienta-se que “uma significativa” parte dos inquiridos referiu que o RVCC teve um “contributo muito importante” para aspectos de auto-conhecimento, auto-estima ou auto-valorização do indivíduo. A este ponto particular, a investigação concluiu que, quando isto se verifica, “a probabilidade de um adulto desempregado

encontrar uma ocupação remunerada aumenta de forma significativa”.

Em termos de dados numéricos, o CIDE concluiu que “mais de um terço dos adultos que estavam desempregados quando iniciaram o processo estão actualmente a trabalhar”. Ao mesmo tempo, “a taxa de desemprego, que no início do processo é próxima dos 17 por cento, é actualmente de apenas 13 pontos percentuais”.

Além disso, outra conclusão retirada foi a de que “os indivíduos que se mantiveram desempregados após a certificação, passaram a estar mais motivados para arranjar trabalho e passaram a procurá-lo mais frequente e activamente”.

Mas estas vantagens não se reflectem só em relação aos desempregados. Os investigadores descobriram que o processo RVCC parece promover a aproximação ao mercado de trabalho por parte dos inactivos. Ou seja, “são frequentes

os adultos que iniciam o processo numa situação de inactividade e que, após a certificação, passaram a considerar-se desempregados, pretendendo com isso encontrar uma situação remunerada”.

Outro dado a reter prende-se com os indivíduos empregados, que são os que procuram maioritariamente o processo (79 por cento). Os dados revelam que “é essencialmente ao nível dos rendimentos mais baixos (inferiores a 350 euros mensais) que se verificaram aumentos salariais entre os indivíduos trabalhadores por conta de outrem”.

Ainda em relação a esta população específica, os efeitos da certificação parecem também estender-se ao vínculo contratual dos adultos empregados. Diz o documento do CIDE que “cerca de 15 por cento dos mesmos que possuíam um contrato com termo no momento da inscrição, já eram efectivos seis meses após a obtenção do respectivo certificado”.

Finalmente, e em termos de prosseguimento de estudos, pode observar-se no estudo do CIDE que “cerca de 13 por cento dos adultos prosseguiram estudos no sistema de ensino regular”. E mais de dois terços (65 por cento) pensam vir a prosseguir-los. Este resultado é reforçado com o facto de dez por cento dos adultos afirmar ter-se inscrito no processo de RVCC com esse objectivo.

De acordo com as conclusões da investigação, o CIDE considera que pela procura a que tem vindo a ser sujeito, pela realidade do país, e, sobretudo, pelos efeitos observados, “o sistema RVCC corresponde a uma iniciativa inovadora e pertinente e com espaço próprio no âmbito das políticas educativas, de emprego e inserção social”.

Recorde-se que Portugal é um dos países da União Europeia com mais baixos índices de escolaridade. Dados do Instituto Nacional de Estatística, datados de 2000, mostram que “cerca de 64,2 por cento da população activa portuguesa não possuía, à data, a escolaridade mínima obrigatória (9.º ano)”. Por outro lado, e segundo previsão da OCDE de 1997, em 2015, a população activa portuguesa com formação igual ou superior a nove anos de escolaridade não deve atingir a fasquia dos 40 por cento.

PUBLICIDADE

Summer Trip 2004



Pelouro R.I.

Sol, praia, festas e muita diversão. 7 dias non-stop!
www.totalfun.pt

Lloret de Mar, Espanha
23 a 31 de Julho

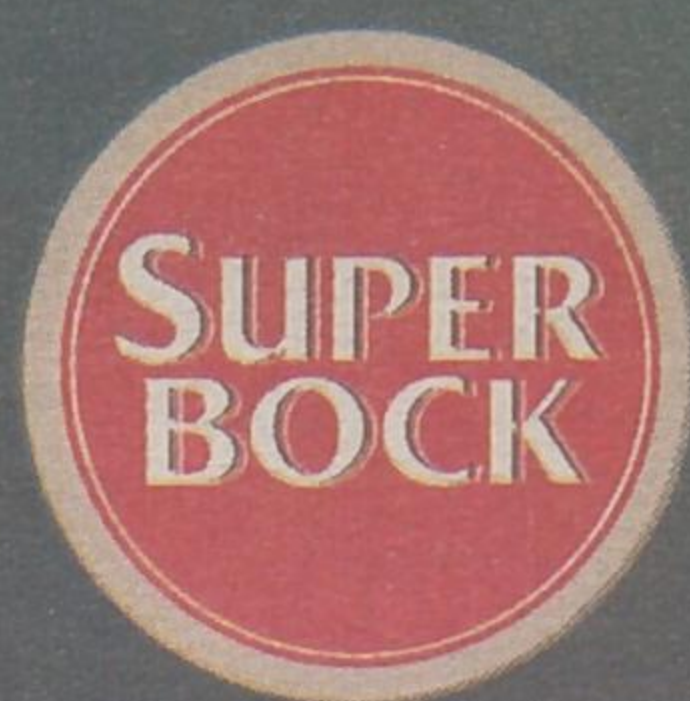
Mais informações:
967570973 (Miguel Rio)
969228460 (João Viegas)
239000030 (FAX)
viagem@totalfun.pt (e-mail)

Super Bock Green A nova tentação.

Chegou Super Bock Green, a nova cerveja limão da Super Bock, ainda mais fácil de beber. Uma cerveja de sabor único, ligeiramente turva, leve e não amarga. A cerveja ideal até para quando não apetece beber cerveja. Converta-se à Super Bock Green. Muito mais do que uma nova cerveja, uma nova dimensão de sabor.

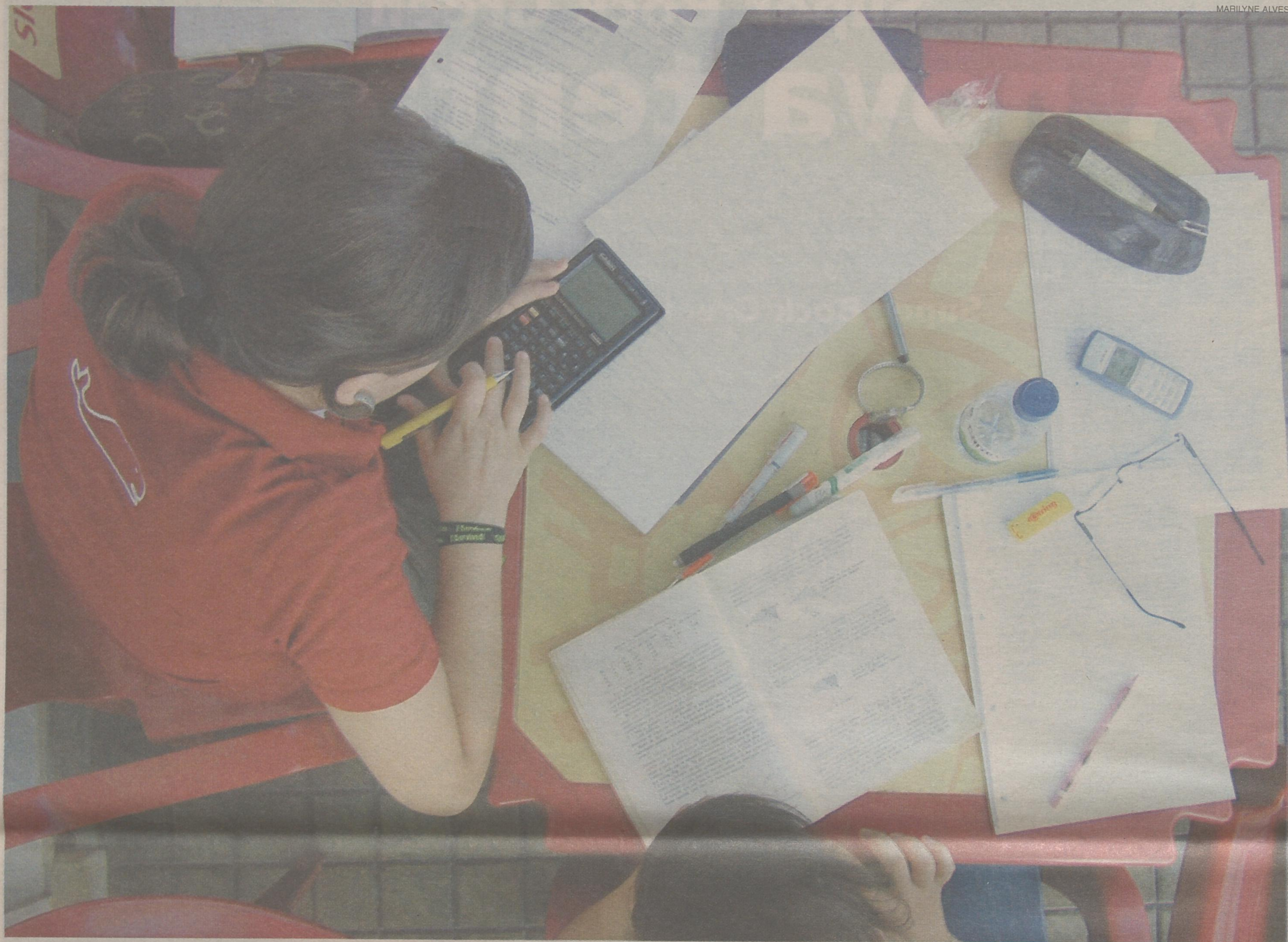
Super Bock Green. Uma nova dimensão de sabor.

Seja responsável. Beba com moderação.



Sabor Autêntico

www.superbock.pt



Os livros do dessassossego

Eles andam aí. Uns, “disfarçados” de estudantes. Outros, mais empenhados, tentam cumprir os “ossos do ofício”

Todo o estudante, até o mais desleixado, passa obrigatoriamente pelo desafio de enfrentar a secretária, o candeeiro, os livros e os marcadores. Todavia, o ritmo, os horários e os locais de estudo dependem não só dos gostos de cada um, mas também das condicionantes de cada curso

Paula Velho

Apesar de muitas vezes os provérbios se adaptarem a situações práticas do quotidiano, nem sempre estão de acordo com a realidade. Deste modo, com a segunda época de exames a decorrer, é caso para se inverter a lógica da tradição e afirmar que, “depois da bonança (leia-se, Queima das Fitas), vem a tempestade”, ou seja, o estudo.

Agora, as aulas a que muitos faltaram dão lugar às frequências a que todos têm que ir. Coimbra transforma-se então numa enorme sala de estudo que, dentro das suas possibilidades, tenta servir as necessidades e interesses dos estudantes.

Um pouco por toda a cidade, circulam e cruzam-se rostos de preocupação, corpos cansados que, para além de carregarem a responsabilidade de prosseguir o estudo, carregam também o desejo de pôr fim ao “pesadelo” o mais rapidamente possível. Os sonhos não são muito

exigentes: praia, férias, viagens, festas e festivais, são estes os projectos da maioria.

Como esse cenário é ainda uma miragem, o ambiente que se vive é de stress, pouca vontade de abrir os livros e “devorar” os respectivos conteúdos. Os motivos são vários e muitas vezes inconscientes. O calor é, sem dúvida, uma das “desculpas” mais frequentes. No entanto, as matérias maçudas, o calendário “apertado”, o desinteresse pelo curso e a vontade de prolongar o café nas esplanadas são os “lobbies” que estão por detrás da falta de empenho.

A Paz da Justiça

“Servem-se almoços. Vista panorâmica sobre o Jardim Botânico e rio Mondego. Entrada livre” — é com este cartão de visita que o Instituto Universitário Justiça e Paz (IUJP) recebe quem o escolhe como local de estudo. E não são poucos. Procurar a paz para se debruçar nas matérias, esperando sempre alcançar a justiça, que se concretiza num bom resultado final, parece ser esse o objectivo comum.

Uns preferem “montar a tenda” no interior e desfrutar do ar fresco e dos pequenos ruídos da caixa regis-

tradora e da louça a ser lavada, vindos do bar. Os mais apreciadores de paisagem optam pela esplanada. Aí, uma marca de café patrocina o estudo, alegrando o ambiente com a baiana sorridente característica do seu logótipo desenhada nas mesas de plástico e nos guarda-sóis vermelhos e amarelos.

Com os livros abertos e os apontamentos já todos sublinhados, três amigas trocaram a Biblioteca Geral pelo IUJP: “O estudo lá não estava a render nada e aproveitámos para lanchar, tomar um café e continuar num espaço sossegado”, explicam. Segundo duas delas, Darlene Ávila e Marília Correia, ambas do terceiro ano de Ciências da Educação, “é importante mudar de ambiente, não estudar sempre no mesmo local, caso contrário, torna-se uma monotonia”. No entanto, “as pausas são fundamentais”, pois conferem “mais ritmo, principalmente quando as matérias são menos agradáveis”, acrescenta Darlene.

Por sua vez, a outra colega, Ana Isabel, estudante do segundo ano de Psicologia, só tem exames passados uns dias. Embora prefira estudar sozinha, como esteve um ano em Ciências da Educação e como esta-



va habituada a estudar com aquelas colegas, resolveu “aproveitar para descontraír um bocadinho”. Todavia, garante: “Amanhã já não venho. Vou ficar trancada no quarto a ‘marrar’”.

Último piso, primeira escolha

No piso inferior da faculdade de Letras, num recanto que a muitos passa despercebido, encontra-se uma das bibliotecas mais requisitadas durante a época de estudo. Segundo Zulmira Martins, funcionária do local, “este espaço é o melhor da universidade [para estudar] e é muito procurado por alunos de Medicina e Direito, pois tem um óptimo ambiente, é muito sossegado e oferece um atendimento VIP”. Nas suas palavras, isso deve-se ao facto de se facilitar a consulta de muitas obras e de estar aberto das 8h30 até às 20h.

Quem parece concordar com esta avaliação é Jorge Correia. Apesar de ser aluno da faculdade de Direito, é neste local que encontra a tranquilidade de que precisa para se concentrar. “Também gosto de ir para a Biblioteca Geral, mas a burocracia para entrar é tanta, que prefiro vir para aqui”, sublinha.

O estudante explica que, às vezes, também vai “para a cantina dos Grelhados ou para a Sala de Estudo da Associação Académica de Coimbra (AAC) mas, contrariamente ao que se passa neste espaço (em que estão todos com o espírito de estudar), lá as pessoas estão mais interessadas em fazer passagens de modelos”, comenta. O estudante refere que não é que se irrite particular-

mente com isso, “mas ver fios dentais e ouvir os ecos dos saltos altos, desconcentra (risos)”.

Entretanto, são 20h e Raquel Costa, aluna do primeiro ano de Direito, acaba de sair da biblioteca do departamento de Matemática. Embora prefira a biblioteca de Zoologia, “pois é um espaço agradável, silencioso e bem iluminado, que dá vontade de estudar”, esta fecha às 19h. Assim, vem para aqui, “para aproveitar mais uma hora de estudo”. No entanto, por agora, a cadeira de História do Direito Português fica reservada para depois de jantar. A cantina dos Grelhados deve ser a opção escolhida, pois lá pode-se estudar até altas horas. Por outro lado, o facto de ver pessoas dá “outro ânimo” a Raquel.

Das bibliotecas para as cantinas

Depois das cantinas da zona da AAC cumprirem a sua principal função, abrem novamente as portas e, em vez do tradicional tabuleiro, são agora as cores dos livros, marcadores e capas, que constituem o cenário. Dada a quantidade de rostos e objectos, a sensação é de que a lotação está sempre esgotada. Mas, se se procurar atentamente, há sempre um lugar, um amigo ou desconhecido que se aborrece e cede a cadeira.

A cantina dos Grelhados e a Sala de Estudo da AAC assemelham-se a uma montra humana, onde as vidraças que separam os estudantes dos jardins são muito ténues, acabando por funcionar como um espelho que reflecte os apetites e vontades de estudar de cada um e de

todos.

Por agora, para Bruno Santos, estudante de Geografia, os livros ficaram nas cantinas Azuis. Este estudante, que, entre risos, confessa que gosta muito de “fazer pausas”, está neste momento mais preocupado em preparar uns trocos para tirar qualquer coisa da máquina de alimentação. No fundo, para fazer uma pausa, todas as desculpas são boas: fazer uma chamada, fumar um cigarro, ou simplesmente socializar, tudo serve para abandonar momentaneamente a tarefa de estudar.

Por outro lado, seja o móbil a preguiça, seja a necessidade, o que é certo é que muitos se fartam do banco e da secretária e trocam-nos pelo verde relaxante da relva dos jardins, tentando recuperar energias para continuar o estudo. Benedetta Perelli, aluna Erasmus de Estudos Artísticos é um exemplo. Esta italiana frisa mesmo que só troca a sua casa para “estudar nos jardins”, onde “o ambiente é muito descontraído”. Como detesta locais fechados, nem coloca a hipótese de ir estudar para uma faculdade: “Uma vez fui para a biblioteca e vi um rapaz com 15 marcadores de cores diferentes. Lá leva-se tudo a sério”, conclui Benedetta.

Noutra onda, é ainda nos bancos dos jardins que muitos encontram o seu incentivo: nada melhor do que um “charro” para acalmar e abrir a mente. Há ainda sempre alguém a fazer swings, a tocar música e a cantar. Enfim, há sempre alguém, que mesmo em exames, está feliz e se diverte...

“O amarelo é que está a dar”

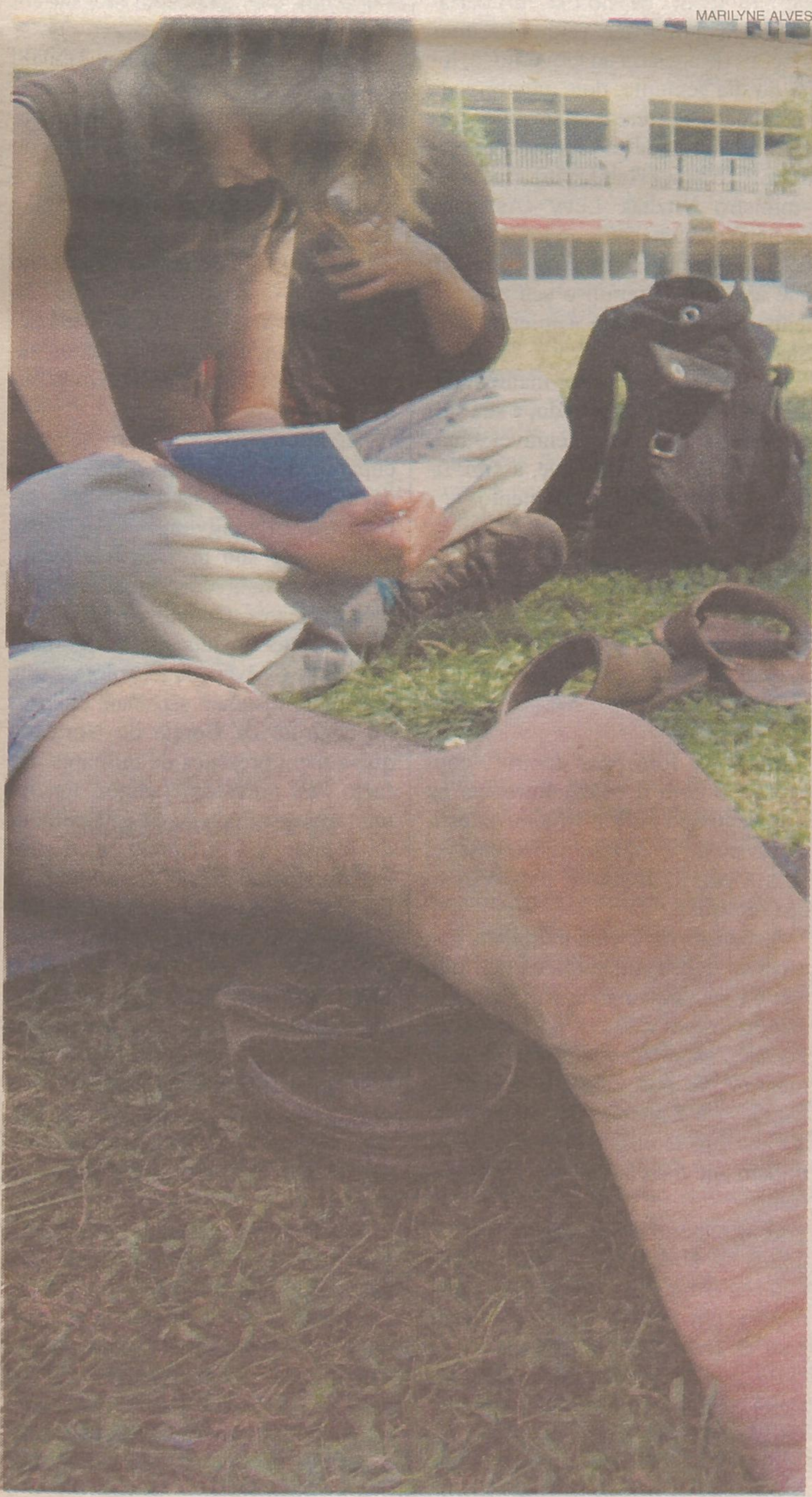
Se é porque o amarelo é, segundo os especialistas, a cor que permite rentabilizar o estudo, ou se é pelo facto de as sandes de atum e de delícias do mar serem a especialidade nocturna, o que é certo é que as cantinas Amarelas são outro dos espaços mais procurados na altura de exames.

Ricardo Cassis, que já está a estudar Teoria da História há uma semana, lamenta que o estudo não esteja a ser muito produtivo. No entanto, garante que “não é culpa do local, mas da matéria que é terrível”.

Apesar da informalidade das cantinas, Ricardo é dos estudantes que prefere estudar sozinho: “Não gosto de estudar acompanhado, pois por natureza já sou solitário e nos cursos de Letras é preferível estudar sozinho, já que as matérias exigem mais abstracção”, explica.

Na mesma mesa e também sozinho, encontra-se o futuro engenheiro químico Pedro Pessoa. Parco em comentários, refere que hoje veio para as cantinas Amarelas porque todas as outras “estavam cheias”. A preparar-se para o exame de Matemática II, Pedro salienta que o seu estudo não se limita a esta época, mas é contínuo, porque assim “o curso o exige”.

Porém, os espaços alternativos de estudo não se esgotam. Não há café, esplanada ou jardim que não tenha diariamente uma caneta e um papel dedicado ao estudo. Enfim, novos locais vão sendo descobertos, caras diferentes vão surgindo e matizando o cenário. E embora seja uma época dura e de assimetrias a nível de estudo, a verdade é que é também nesta altura que muitas vezes se consolidam amizades e se conhecem pessoas interessantes. A estudar.



12 INTERNACIONAL

Israel prepara retirada de Gaza

Plano unilateral de Sharon não respeita o “Roteiro para a Paz”

Autoridades internacionais acusam novo plano de desrespeitar acordo mundial sobre fronteiras

Rui Simões

O executivo de Ariel Sharon aprovou, no dia 6, um polémico plano fazeado de retirada israelita da Faixa de Gaza. Este plano prevê a retirada de Gaza num plano de separação unilateral que poderá ter início em Março do próximo ano. Sharon afirma mesmo que este projecto, que passa pelo desmantelamento de 21 colonatos israelitas em Gaza e quatro na Cisjordânia, deverá estar concluído em fins de 2005, sendo um “passo crucial para o Estado de Israel”.

Apesar de aprovado por catorze votos contra sete, este projecto esteve, desde cedo, envolto em grande polémica, tendo sido mesmo chumbado num anterior referendo interno do partido do poder, o Likud. Não obstante, a maioria por que foi aprovado, este projecto provocou grande instabilidade política, levando mesmo Sharon a demitir os seus ministros dos Transportes (Avigdor Lieberman) e do Turismo (Benny Elon), numa altura em que os votos negativos destes poderiam pôr em causa a aprovação desta decisão.

Contudo, Sharon conseguiu levar avante a sua iniciativa, em parte graças ao apoio que recebeu, vindo não só do povo israelita como também do presidente norte-americano George W. Bush e do Governo do Egipto. Este projecto, instituído unilateralmente pelo primeiro-ministro, surge como alternativa ao processo “Roteiro



Ariel Sharon tem planos alternativos ao “Roteiro para a Paz”

da Paz”, promovido pela comunidade internacional como forma de resolver o longo conflito.

Contudo, do lado palestino, o projecto israelita não é visto com bons olhos. Assim, os palestinianos acusam Sharon de pretender criar fronteiras diferentes das internacionalmente reconhecidas, de forma a transformar a Cisjordânia num conjunto de guetos que inviabilize um Estado palestiniano. A Autoridade Palestiniana é a favor da retirada israelita de qualquer território ocupado, mas apenas desde que esta retirada se salde depois numa evacuação total da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, permitindo a criação de um Estado Palestino, como previsto no “Roteiro para a Paz”. Para os respon-

sáveis palestinianos, o plano unilateral de Sharon desrespeita o Tratado Internacional de Fronteiras e impede a criação do Estado Palestino.

Já o Egipto tem tido uma importante função de mediador. O país de Hosni Mubarak tem apelado a Yasser Arafat, líder da Autoridade Palestiniana, para que abandone o poder, ou, pelo menos, delegue o controlo das forças de segurança no primeiro-ministro palestiniano Ahmed Qorei, ao mesmo tempo que se oferece para treinar agentes de segurança palestinianos e ceder uma centena de militares para patrulhar a zona fronteira de Gaza quando esta se vir sem forças de controlo israelitas.

Entretanto, à hora do fecho desta edição, ainda era impossível perce-

ber a que consequências políticas poderá levar esta polémica saída de Gaza. Isto depois de, no dia 7, o parlamento israelita ter rejeitado duas moções de censura ao Governo, e, logo no dia seguinte, dois membros da coligação se terem demitido. Os membros em questão foram o ministro Effi Eitam (Habitação) e o vice-ministro Yitzhak Levy (Assuntos Sociais), pertencentes ao PNR (partido fortemente ligado aos colonos), que assim mostraram o seu descontentamento para com a iniciativa de Sharon.

No Executivo ainda se mantém um membro do PNR. Contudo, a sua saída poderia tornar insustentável a manutenção do Governo, que, assim, ficaria em minoria no parlamento.

EUA reduzem presença na Coreia do Sul

Olga Telo Cordeiro

Os Estados Unidos vão retirar um terço das tropas que se encontram estacionadas na Coreia do Sul. Ao todo são 12.500 militares norte-americanos que vão sair do país até ao fim de 2005.

A redução de militares vai ser levada a cabo por fases nos próximos 18 meses, deixando este país com o menor número desde o final da guerra na Coreia em 1950/53. Após vários meses de negociações entre Washington e Seul, as Forças dos Estados Unidos da Coreia, entidade responsável pela defesa da Coreia do Sul, vão assim reduzir para 25.000 homens o contingente militar que actualmente conta com cerca de 37.000 efectivos.

A medida foi anunciada no passado dia 7 por oficiais norte-americanos e inclui-se num plano do Pentágono para reposicionar as forças militares norte-americanas pelo globo, nomeadamente na Ásia e Europa de Leste, onde permanecem estacionadas há décadas. Washington diz que essas tropas são necessárias noutras zonas, tendo já anteriormente anunciado que 3.600 militares da Coreia iam ser enviados para o Iraque.

A este respeito, afirmou Donald Rumsfeld na semana passada, durante a sua visita à Ásia, que é altura para adequar a localização das tropas do seu país, transformando a actual defesa estática numa postura mais ágil e adequada ao século XXI.

De resto, a medida do Pentágono prevê ainda que os militares que vão permanecer na península coreana sejam em grande parte transferidos para longe da zona desmilitarizada entre as duas Coreias.

Alguns analistas mostram-se preocupados com a retirada norte-americana, que poderia dar a impressão errada a Pyongyang, que está actualmente sob pressão internacional para desistir do programa de armas nucleares. Contudo, os EUA refutam estas insinuações, argumentando que os avanços tecnológicos de que agora dispõem são mais eficazes no controlo da Coreia do Norte do que a mera presença de militares. De facto, os norte-americanos tencionam investir mais de 11 mil milhões de dólares nos próximos cinco anos em armamento de alta tecnologia.

Esta decisão surge numa altura em que agências especiais de inteligência norte-americanas acreditam que a Coreia do Norte conseguiu, nos últimos 18 meses em que a acção dos inspetores internacionais foi impedida, produzir plutónio suficiente para fazer cinco ou seis bombas nucleares, isto quando, anteriormente se pensava que tinha apenas uma ou duas.

Entretanto, os esforços de negociação continuam marcados pelo insucesso. Reflexo disso mesmo é facto de, no mês passado, numa reunião entre EUA e a Coreia do Norte, esta última se ter demonstrado pouco interessada em continuar a discussão, tendo a reunião acabado mesmo mais cedo.

Aprovada nova resolução para o Iraque

Proposta anglo-americana para o Iraque foi aprovada no Conselho de Segurança da ONU. O objectivo agora é maior envolvimento da NATO

Tiago Pimentel

Na reunião do G8 (Alemanha, Canadá, Estados Unidos da América, França, Reino Unido, Itália, Japão e Rússia), que decorreu na costa da Geórgia, EUA, Bush e Blair, tentaram aproveitar o sucesso da aprovação unânime da resolução sobre o Iraque no Conselho de Segurança da ONU, propondo uma maior implicação da NATO no Iraque, se isso for

desejo do Governo iraquiano.

Bush reconheceu que “muitos dos países da NATO não podem enviar mais tropas para o Iraque”. No entanto, o presidente norte-americano considerou que “a NATO deve estar implicada”.

Apesar da maioria dos 26 países da aliança já estarem envolvidos no Iraque, não está a NATO enquanto instituição, limitando-se a dar apoio logístico ao comando polaco. Bush pretende mais tropas estrangeiras que lhe permitam retirar soldados americanos antes das eleições presidenciais de Novembro. A Espanha, a Alemanha e a França manifestaram-se contra a ideia. Para o presidente francês, Jacques Chirac, a intervenção no Iraque não é missão da NATO. O holandês secretário-geral da organização, Jaap de Hoop-Scheffer, admitiu um “maior papel” no Iraque, frisando no entanto que a prioridade actual é a paz no Afeganistão.

A luta contra a proliferação nuclear é outro dos objectivos de Bush no âmbito do combate ao terrorismo. Os esforços do Governo de Washington incidem na destruição de materiais originários da antiga URSS e no acordo dos países exportadores de tecnologias nucleares em tomar medidas drásticas para impedir a propagação das técnicas de enriquecimento de urânio.

Porém, foi a discussão da iniciativa “Grande Médio Oriente” o centro do debate do G8. O plano, que Bush considera fundamental para o combate ao terrorismo, incide nos planos político, social e cultural, não só na região mas também no norte de África. Face à oposição árabe e às críticas europeias, Washington reduziu os seus objectivos políticos (a mudança de regimes) e avançou outra versão, com o enfoque na educação. Ainda assim, os representantes árabes vêm a iniciativa como a promoção de re-

formas “de fora para dentro”, concordando com a União Europeia na resolução do conflito israelo-palestiniano como condição indispensável para a paz na região e para o êxito das reformas.

A redução da dívida iraquiana, que ascende a 120 mil milhões de dólares, é uma pequena vitória. As negociações foram difíceis, pois a França e a Alemanha não aceitavam perdoar mais de 50 por cento da dívida. A Rússia e o Canadá consideravam ir até aos dois terços, enquanto os EUA tinham em vista um perdão de 90 por cento.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, em comunicado, reiterou o regozijo do Governo português com a aprovação da resolução para o Iraque, na medida em que “Portugal sempre foi favorável a um papel determinante da ONU nos esforços em curso para assegurar a democracia”.

Polifenóis combatem envelhecimento celular

Estudos desenvolvidos em Coimbra evidenciam o papel dos polifenóis na saúde humana

O Instituto de Farmacognosia da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra está a desenvolver investigação sobre os polifenóis, com o objectivo de demonstrar os contributos preventivos e terapêuticos destes compostos químicos para a saúde humana

Laura Cazaban
Cláudia Sousa

Parkinson, Alzheimer ou outras doenças degenerativas – são estes alguns dos efeitos nefastos do envelhecimento celular que os polifenóis podem ajudar a prevenir, segundo as mais recentes investigações do Instituto de Farmacognosia da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. No entanto, para já, os resultados conhecidos publicamente são poucos.

Os estudos em causa estão a ser efectuados por alguns elementos do corpo docente e investigador daquela faculdade, mas também por alguns alunos de licenciatura e mestrado. O projecto alarga-se ainda a várias parcerias com elementos de outros laboratórios da Universidade de Coimbra e com investigadores estrangeiros.

Os objectos de partida são os polifenóis presentes em diferentes pro-

ductos naturais (plantas medicinais, mel, leguminosas) e polifenóis biossintetizados por cultura de células. Para tal, procede-se em primeiro lugar à extracção dos polifenóis, depois ao seu fraccionamento e finalmente à análise através da cromatografia.

Segundo a coordenadora do projecto, Teresa Baptista, “há que os pesquisar, estudar, assim como ampliar os conhecimentos dos polifenóis que estão mais vulgarizados”. Este é um trabalho para equipas multidisciplinares que poder levar a futuros projectos nas áreas da Fitoquímica, da Biologia, da Bioquímica e da Medicina.

O que são polifenóis?

Os polifenóis têm sido extensivamente estudados, quanto à sua actividade antioxidante, mas também em relação a outras actividades biológicas promotoras de saúde. A actividade metabólica normal ou patológica do organismo e a exposição permanente do homem à acção nefasta de diversos agentes externos como a poluição, as toxinas, os pesticidas, alguns químicos, o sol, os alimentos e as bebidas contribuem para a formação dos radicais livres. Estes radicais livres actuam de forma negativa sobre os tecidos e os líquidos biológicos, na medida em que aceleram o processo de envelhecimento e danificam a capacidade do sistema imunológico em combater agentes patogénicos, ou seja, as bactérias, os vírus e os parasitas que invadem o organismo humano. As doenças degenerativas como o cancro, a perda de memória, Parkinson, Alzheimer, doenças do coração e



Estudos da Universidade de Coimbra demonstram os benefícios dos polifenóis

doenças de natureza infecciosa apresentam-se como possíveis consequências destes processos. Apesar da existência destes “terroristas biológicos”, como são denominados pela comunidade científica, existem compostos de origem natural que neutralizam a acção desses radicais livres, os chamados “polícias biológicos”: anéis benzénicos e grupos hidroxilo, antioxidantes que trabalham a tempo inteiro. Uns são produzidos pelo próprio organismo, outros – é o caso do polifenóis – são veiculados pela alimentação.

Os polifenóis são químicos de origem vegetal presentes em vegetais e frutas que constituem a nossa alimentação. São estudados em razão

da sua actividade antioxidante associada a um decréscimo do risco de mortalidade por cancro e por doenças cardiovasculares. São conhecidas algumas fontes naturais de polifenóis, como o chá verde, a uva, a cereja, o mirtilo, a maçã, os brócolos, o tomate, a soja, a cebola, o vinho tinto e certos chocolates. Mas não é suficiente que um alimento seja rico em polifenóis, já que a sua actividade depende das suas características estruturais particulares e da concentração dos mesmos. É preciso também que não sejam destruídos durante os métodos de processamento e de manipulação genética e sobretudo que não sejam tóxicos nas quantidades ingeridas.

UC lança novo curso

Nuno Braga

A Universidade de Coimbra (UC) vai lançar um novo curso que visa, nas palavras do pró-reitor para a gestão da inovação e da qualidade, Pedro Saraiva, “analisar o potencial de sucesso comercial de determinada tecnologia e a partir daí desenvolver um conceito de negócio”. A formação vai contar com a colaboração, não só dos formadores, mas também de alunos finalistas e de pós-graduação, de investigadores, docentes e executivos do mundo empresarial.

A ideia da UC é oferecer um curso, não igual ao modelo original, criado na Universidade Estadual da Carolina do Norte, mas com algumas adaptações necessárias à realidade portuguesa. O novo modelo, dividido em várias etapas, visa partir de “um conjunto de tecnologias e ideias de base tecnológica, geradas no seio da UC ou de outras entidades, para ao longo do curso avaliar a sua capacidade e potencial e convertê-las em planos de negócio concretos e detalhados”.

Segundo Pedro Saraiva, outra das etapas do curso é “construir um portfólio de produtos que possam emergir dessas mesmas tecnologias e escolher aquele que é o mais acertado para que possa tornar-se num produto com alguma dimensão em termos de volume de negócio”.

Para o pró-reitor para a gestão da inovação e da qualidade, a chave deste curso está no cruzamento de experiências entre pessoas do mundo dos negócios, que possuem experiência comercial, e investigadores que tenham um suporte tecnológico forte.

ESA investe em Portugal

A Agência Espacial Europeia (ESA) fez duas chamadas de Anúncios de Oportunidades a Portugal. Um pretende que empresas portuguesas façam investigação e desenvolvimento de longo prazo de equipamento espacial e vai beneficiar dum financiamento integral. O outro, diz respeito ao desenvolvimento da tecnologia “Close-To-Market” (próxima do mercado), que vai ter financiamento só de 50 por cento.

As propostas serão analisadas pela representação da ESA em Portugal, após uma pré-avaliação da casa-mãe. Neste caso, as propostas seleccionadas terão a oportunidade de expor o projecto em detalhes.

A Task Force ESA-Portugal, representação portuguesa da ESA, foi criada para um período de transição de sete anos no quadro da adesão de Portugal a esta agência. Através deste grupo, a ESA disponibiliza fundos para o desenvolvimento de projectos por parte de instituições e empresas portuguesas. Visa-se ainda criar cursos de formação, assim como a divulgação em Portugal das actividades da ESA.

Novo fármaco na luta contra o cancro

Os estudos da Universidade de Coimbra no campo da terapia fotodinâmica para cura do cancro estão a progredir, agora com a elaboração de um fármaco 500 vezes mais eficaz do que os utilizados actualmente

Laura Cazaban
Suzana Marto

Foi desenvolvido na Universidade de Coimbra um produto muito mais eficaz do que os fármacos actuais na cura do cancro. Este produto, baseado numa nova geração de fotossensibilizadores, pode vir a transformar a

terapia fotodinâmica no método mais importante de tratamento deste tipo de doença, não originando os efeitos secundários nefastos dos químicos actualmente utilizados para a radioterapia e a quimioterapia.

O investigador responsável pelo projecto e professor do Departamento de Química da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Luís Arnaut Moreira, explica que o processo consiste em administrar um fármaco ao doente. Este fármaco, chamado fotossensibilizador, espalha-se pelo corpo. O químico é depois exposto a um raio laser, de maneira a tratar uma determinada zona do corpo. O oxigénio activado pela luz queima então as células cancerígenas. A seguir ao tratamento, o paciente não sofre de queda de cabelo ou outros efeitos da quimioterapia mas, em contrapartida,

não pode ser exposto a qualquer tipo de luz durante um determinado período de tempo, pois esta poderia queimar células não cancerígenas.

O produto desenvolvido é mais eficaz do que os fármacos utilizados actualmente, dado que absorve mais luz e tem poucas perdas na produção do oxigénio activo. A molécula é um derivado do petróleo, chamado pirrol, e de um produto que existe na amêndoa amarga, o aldeído. O processo de síntese não tem grande complexidade e é de baixos custos, o que constitui uma vantagem para a indústria farmacêutica. Sendo um produto natural, o fármaco não comporta quase nenhuma toxicidade e Luís Arnaut Moreira realça que “garante maior segurança”. Além disto, o produto tem um “comportamento muito estável” que possibilita um grande prazo de conservação e é também solúvel em água.

A investigação foi iniciada no seio da Universidade de Coimbra, em 1997, por uma equipa interdisciplinar que envolve o campo da química-física, da fotoquímica e da espectroscopia molecular e orgânica. As pesquisas tiveram uma dimensão internacional uma vez que os investigadores, de maneira a poder efectuar certos testes, tiveram que se relacionar com equipas francesas, brasileiras e polacas.

Segundo as previsões de Luís Arnaut Moreira, o produto vai estar disponível no mercado num prazo que vai de três a dez anos, mas ainda não foram estabelecidos contactos com a indústria farmacêutica para a sua produção. Para já, faltam ainda realizar testes “in-vivo” sobre a ausência de toxicidade, testar as suas aptidões terapêuticas e compará-los com os produtos já utilizados nos tratamentos do cancro.

14 DESPORTO

Futsal da AAC festeja subida

Vitória na liguilha coloca equipa de Coimbra na segunda divisão nacional

Empate a 2-2 em Setúbal foi suficiente para o apuramento, num jogo emotivo, cujo resultado acabou por favorecer a equipa que menos erros cometeu

Tiago Almeida

A equipa de futsal da Associação Académica de Coimbra conseguiu nesta temporada subir à segunda divisão nacional. A época 2003-2004 não foi fácil, mas terminou da melhor maneira para os "estudantes". Durante a fase regular, o Fundão foi mais forte e conseguiu a promoção directa ao segundo escalão. A equipa de Coimbra, segunda classificada nessa fase, foi assim obrigada a disputar a liguilha, para apurar o último clube a subir.

Depois dos seis pontos conquistados em casa, diante do Valadares e do Vitória de Setúbal, o empate, no Bonfim, foi suficiente para festejar. Perante uma considerável assistência no pavilhão setubalense, Gouveia, João Filipe, Batalha, Moreira e André Matos formam o quinteto para os primeiros minutos. Para sustentar o ímpeto inicial dos sadinos e esperar pelo melhor momento para assumir ofensivamente o jogo, o habitual "pivot" Luisinho começa no banco de suplentes.

A estratégia do técnico Francisco Baptista resulta em pleno. A entrada decidida e acutilante do Vitória não leva o perigo à baliza academista. Aproveitando os erros da defesa sadina, a Académica, pressionante, não se limita a defender o nulo. O golo, a meio da primeira parte, acaba por prová-lo. Depois de uma perda de bola no meio campo, Batalha ganha o espaço vazio e desmarca André Matos. Já dentro da área, o número sete



Cinco da Académica teve de suar para conseguir subida

conimbricense remata por baixo do corpo do guardião Narciso e faz o 0-1.

Motivada, a Briosa sobe os índices de confiança e consegue o segundo golo, ainda antes do intervalo. Zito, entrado pouco tempo antes, aproveita uma oferta de Sérgio Folques e não perdoa, aumentando a diferença no marcador.

A perder, o Vitória de Setúbal inicia a segunda parte a ameaçar Gouveia, que se revela decisivo. A partir dos cinco minutos, e depois de atingir o limite de faltas, a Académica é obrigada a sofrer a pressão setubalense. Nesta fase, a equipa da casa consegue chegar ao empate. Primeiro, através de uma grande penalidade, convertida por Mauro e, apenas quatro minutos depois, por intermédio de Pedro Branco, na sequência de uma boa jogada individual.

O empate "incendeia" definitiva-

mente o jogo. As situações de golo sucedem-se e, apesar de desperdiçar algumas boas oportunidades, a Académica sente várias dificuldades para travar a motivação sadina. No entanto, dois livres directos falhados e o desacerto geral da equipa do Vitória,

permitem aos "estudantes" manter o empate até ao fim.

A Académica regressa, assim, um ano depois, à divisão intermédia do Futsal nacional, juntamente com o Macedense, o Fundão e o Belenenses, clubes directamente apurados.

Nas cabines...



Fernando Paiva,
técnico do
Vitória de
Setúbal:

- "Tivemos muito mais oportunidades do que a Académica e fomos superiores";
- "Não posso fazer nada, quando é assim";
- "Estivemos bastante perto de vencer".



Francisco Batista,
treinador da
Académica:

- "As faltas sucessivas, marcadas no início da segunda parte, condicionaram muito a nossa estratégia";
- "Esta equipa tem muita qualidade e ambição de fazer muito mais".

Hóquei não sobe em época brilhante

Apesar da boa prestação durante esta temporada, o hóquei da Académica acabou por deixar escapar a promoção

Nuno Braga

Numa época em que sofreu apenas cinco derrotas, todas no terreno do adversário, a Secção de Patinagem viu a sua hipótese de subir à segunda divisão desvanecer-se ao saber que a equipa da Póvoa tinha ganho ao Santa Cruz. Isto apesar da vitória no último jogo.

Segundo as palavras do treinador Francisco Vilhena, esta "foi uma

época em que a equipa trabalhou com força". No início do campeonato houve uma clara inadaptação do plantel ao estilo de jogo das equipas. Os estudantes só conseguiam sentir confiança quando jogavam em casa.

Os resultados espelham essa atitude. Em toda a época, a única vez que a Académica perdeu pontos em casa foi na 15ª jornada, frente ao Desportivo da Póvoa, quando, num jogo bastante disputado, concedeu um empate. De qualquer modo, na primeira volta a Briosa perdeu três vezes e empatou outras três.

Já na segunda volta, os estudantes vieram preparados de casa. A Académica teve uma série de seis jogos sem perder, até encontrar o líder da tabela, Seixas, que foi a primeira equipa a garantir a subida. Seguiu-se

mais uma série de cinco jogos sem perder até se deslocar à Póvoa, na penúltima jornada, onde sofreram o golo da derrota no último minuto. O treinador refere que foi um jogo bastante complicado, em que ambas as equipas jogavam para ganhar. Mas os seus jogadores "não resistiram à pressão".

No último jogo, a Académica precisava ganhar e conseguiu-o de forma expressiva: 14-1 foi o resultado. O primeiro golo surgiu cedo num ataque bem executado pelos estudantes. Aos quatro minutos a Briosa converte um penalti e, logo de seguida, o Pessegueiro marca o seu primeiro e único golo. Dez segundos depois a Académica marca o terceiro. Com este começo, o jogo prossegue num ritmo acelerado e aos seis minutos a

Briosa marca o seu quarto golo.

Aos minutos 9 e 12, entre inúmeras tentativas, a Académica volta a marcar. O sétimo golo surge na marcação de mais uma grande penalidade sobre o atacante da Briosa. A seis minutos do fim da primeira parte, a Académica marca o oitavo golo, e estabelece o resultado com que a equipas saem para o intervalo.

A segunda parte começou a um ritmo alucinante e, dois minutos depois, os estudantes marcam o nono golo. Até ao final, a Briosa teve tempo de marcar mais quatro golos, e de falhar outras tantas oportunidades.

No fim do jogo, o treinador, fazendo uma retrospectiva da época, declara que tiveram alguns deslizes, mas sublinha que na próxima "não se vão repetir os mesmos erros".

Orabolos!

António Gil Leitão

Opinião

Bestas, bestiais e bandeiras

"A razão e o discernimento ficam, na maior parte das vezes, à porta do estádio"

E se a "besta" do Scolari que não convocou o Baía ganhar o Europeu para Portugal? Provavelmente passará a ser "bestial". Nada de novo, diga-se, nem sequer para o próprio, que no Brasil (é bem sabido), conheceu semelhantes "estatutos".

É a irracionalidade elevada ao expoente máximo, o célebre passar "do oito ao oitenta", por vezes, em menos de 90 minutos.

Caso contrário, como explicar a histórica eleição do novo presidente do Guimarães, com uns expressivos 85 por cento dos votos, ele que era, até à data, presidente do rival Moreirense?

Outro exemplo histórico constitui a carreira de João V. Pinto. No Benfica, passou de "menino de ouro" a "persona non grata", assobiado e maltratado depois de ter sido despedido.

No Sporting, passou de "fiteiro" e "jogador vulgar" a "grande artista". Bastou para isso sair do Benfica e assinar pelo Sporting.

O próximo exemplo poderá ser Tiago. O idolatrado médio do Benfica, depois de "abrir o livro" e disparar críticas contra a hierarquia, não passará a ser apelidado de "íngrato", "mercenário" ou outras coisas mais?

E "isto" é assim porque o campo do futebol é o campo da emoção, da paixão. A razão e o discernimento ficam, na maior parte das vezes, à porta do estádio.

Mas querera "isto" dizer que os adeptos de futebol são irracionais e apenas emotivos em tudo na sua vida?

Parece que há quem pense que sim. É que para além do mais somos latinos, por isso, é só juntar dois mais dois...

Mas se assim fosse, como poderia ter perdido as eleições autárquicas, no Porto, o candidato do idolatrado "Papa" Pinto da Costa?

O curioso é que esta convicção já vem de longe. Também Marcello Caetano foi assistir ao Sporting - Benfica para receber uma estrondosa ovação depois do "golpe" das Caldas. E recebeu-a. Mas menos de um mês depois deu-se o 25 de Abril...

Ou alguém duvida que no dia seguinte à final do Europeu (ou depois da eliminação lusa), as bandeiras e o "patriotismo" agora descoberto vão desaparecer das varandas, esperando por melhores dias?



Algarve é próxima paragem da cultura nacional

De Coimbra até Faro

A capital do Algarve recebe em 2005 a segunda capital nacional da cultura

Um novo teatro com capacidade para 800 pessoas, um clima agradável e uma forte componente turística são os principais trunfos da nova capital da cultura. Mas, a meio ano do início, há ainda muitas dúvidas sobre o sucesso do evento

Ana Martins
João Vasco

"Faro vai ser capital nacional da cultura em 2005". A garantia foi dada no final do mês passado pelo primeiro-ministro, Durão Barroso, quando inaugurava o novo troço ferroviário que liga Braga à capital do Algarve.

A notícia não surpreendeu as principais figuras ligadas à cultura portuguesa, que já desde 2001 apontavam Faro como a segunda capital da cultura, depois de Coimbra. Uma ambição que remonta aos tempos de António Guterres, que já em 2001 adiantara esta hipótese. Na altura, o ex-primeiro-ministro falava em 2004 como ano ideal para o evento, mas com a posterior queda do Governo e com os sucessivos atrasos na construção do Teatro Municipal (o novo ex-libris cultural da cidade — ver caixa), a iniciativa ia sendo pro-

gressivamente adiada. A 30 de Maio chegava, por fim, a boa nova para as gentes do Algarve. Contudo, a passagem oficial de testemunho apenas acontecerá no próximo Conselho de Ministros.

A menos de um ano da iniciativa, o presidente da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003, Abílio Hernandez, chama a atenção para as dificuldades em organizar um evento desta envergadura em tão pouco tempo: "Estas iniciativas devem ser planeadas a longo prazo e devemos saber com antecedência os planos a levar a cabo. Planos em que defendo que o Ministério da Cultura tem que ter um papel forte para não se deixar a selecção entregue aos lobbies". Abílio Hernandez diz que a escolha de Faro era uma vontade já antiga e, por isso, não entende "como é que só nesta altura se anuncia a escolha, se nomeia um comissário, se define uma estrutura". Assim, acrescenta, "é natural que as dificuldades sejam acrescidas".

Para já, pouco se sabe da estrutura da próxima capital da cultura. António Lamas, antigo presidente do Instituto Português do Património Cultural, foi nomeado comissário do evento e é o primeiro rosto conhecido de um projecto que, tal como no caso de Coimbra, não deve ter autonomia financeira. "Um problema", para Abílio Hernandez, "uma situação normal", diz o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, que concorda com a opção do Governo no que respeita à dependência deste tipo de estruturas

em relação à tutela.

Abílio Hernandez afirma, no entanto, que "o modelo de gestão não tem de ser igual em todas as capitais, depende da cidade", mas, antevendo as contrariedades, lança o desafio: "Vamos ver como é que esta dificuldade vai ser superada". Aquele que foi o principal responsável pela Coimbra 2003 chama ainda a atenção para "o condicionamento a que tem sido sujeito o Ministério da Cultura ao nível económico-financeiro", que prejudicou gravemente a primeira capital cultural do país. No relatório entregue em final de Maio por Abílio Hernandez ao ministro da Cultura, Pedro Roseta, dava-se conta que a Coimbra 2003 deixou cerca de uma centena de credores e uma dívida na ordem dos dois milhões de euros.

Dívidas acumuladas por "um ministério manifestamente em crise", diz o ex-ministro da Cultura, Augusto Santos Silva. Para o deputado socialista a "actual política de Manuela Ferreira Leite condiciona toda a acção de um ministro que não consegue impor as suas ideias".

Faro, uma escolha polémica

Augusto Santos Silva fala também da escolha de Faro para capital da cultura: "Há o perigo de se olhar unicamente para a vertente turística, o que será limitativo, mas isso pode ser ultrapassado se houver esforços dinamizadores". O ex-ministro é da opinião de que "é preciso também pensar em levar um evento como este para o interior do país", mas, ape-

sar de tudo, considera que "Faro é uma boa escolha porque tem um teatro em construção, uma orquestra regional, entre outras infra-estruturas e, para além disso, há a possibilidade do evento se alargar a Portimão, Loulé ou Tavira, e esse pode ser um teste à descentralização cultural".

A escolha de uma cidade do litoral para acolher a segunda capital da cultura também merece o reparo de Abílio Hernandez, que salienta a "necessidade de, a longo prazo, se privilegiar o conjunto do território nacional e garantir que todas as regiões são contempladas senão, não se cumprirá o objectivo da descentralização cultural e o consequente alargamento dos bens culturais".

Como candidatas a esta segunda capital da cultura surgiram também as cidades de Évora, Santarém e Covilhã. Para Carlos Encarnação, "os critérios de escolha são discutíveis, mas é interessante ser em Faro, porque é uma cidade que precisa de uma dinamização da sua vida cultural, tem coisas pouco exploradas e vai valer a pena ser lá". O autarca de Coimbra refere ainda que há vários aspectos a serem corrigidos depois da Coimbra 2003, nomeadamente ao nível da divulgação. Para Carlos Encarnação "esse foi o grande problema em Coimbra. Faltou algum mediatismo e também uma melhor cobertura da televisão pública, que tem a obrigação de divulgar um evento como uma capital da cultura".

Reparos ao nível da falta de mediação da Coimbra 2003 que Augusto Santos Silva reitera. Conselhos

para que não aconteça o mesmo com Faro já no próximo ano. Para já, tanto o Ministério da Cultura como o presidente da Câmara Municipal de Faro, José Vitorino, mostraram-se indisponíveis para falar com o Jornal Universitário de Coimbra.

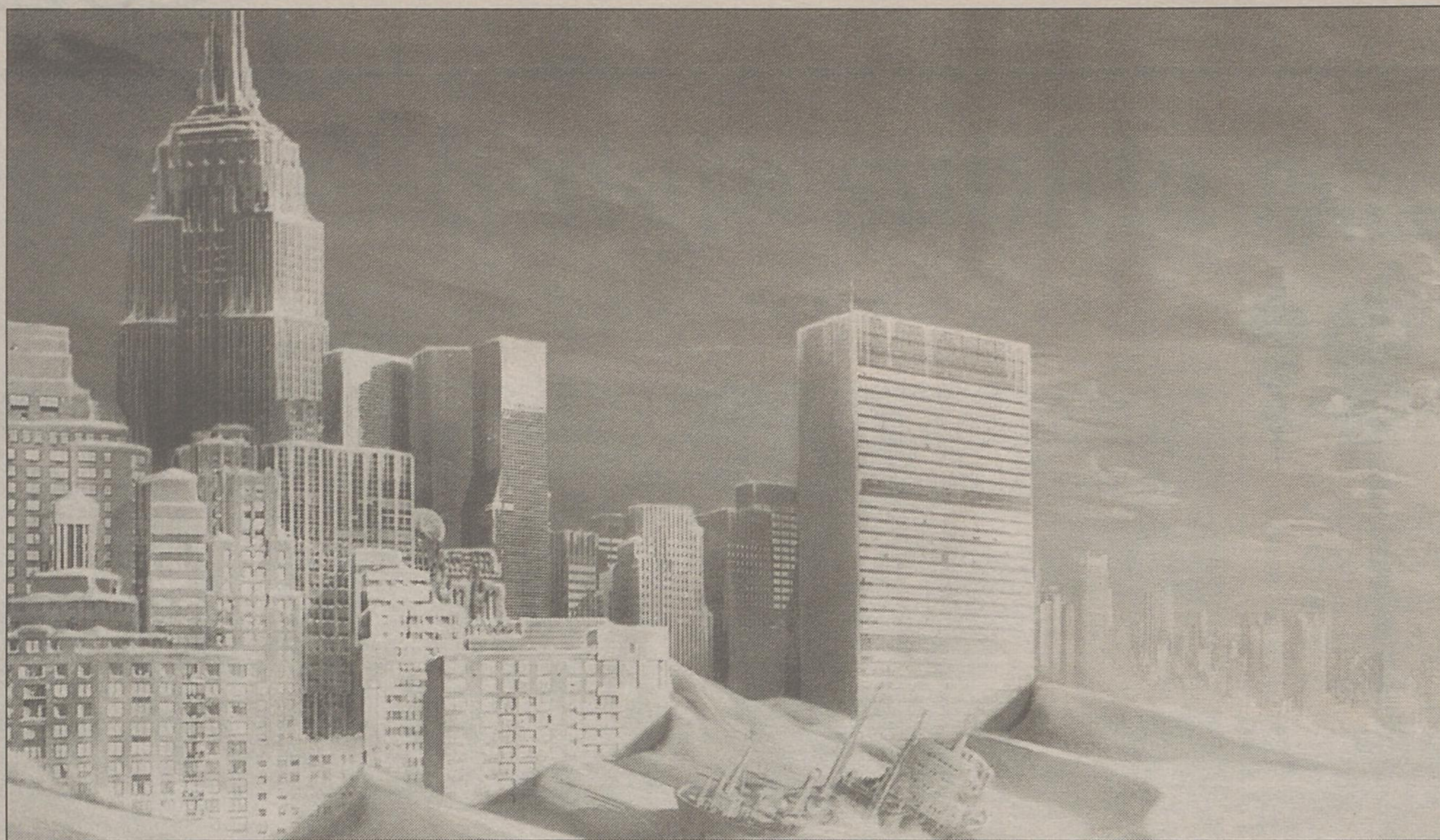
Teatro multiusos

Projectado pelo arquitecto Gonçalo Byrne, o novo Teatro Municipal de Faro é a obra emblemática da nova capital da cultura. A construção começou em Novembro de 2003, num investimento de cerca de dez milhões de euros, dos quais cinco milhões serão atribuídos por fundos comunitários no âmbito do Programa Operacional da Cultura e os restantes repartidos entre o Ministério da Cultura e a autarquia.

Calcula-se que esteja concluído no final de 2004, ou já no primeiro trimestre de 2005, o que irá colidir já com a iniciativa. Considerado condição indispensável para o evento, o teatro municipal terá um auditório com 800 lugares e condições para projectar filmes, receber congressos e espectáculos de música e dança.

Esta estrutura vai ser integrada no futuro núcleo cultural da cidade, que inclui também a reabilitação de dois edifícios históricos: a Casa das Figuras, que será a sede da Orquestra Regional do Algarve, e o Solar do Capitão-Mor, que será o Gabinete da Cidade.

Vê-se...



Roland Emmerich

"O Dia Depois de Amanhã"

com Dennis Quaid, Jake Gyllenhaal, Emmy Rossum, Sela Ward, Ian Holm - 124 minutos, cor, M/12, Acção

6/10

Para cinéfilos de almofada

E se de repente o clima da Terra conhecesse brutais alterações, anunciando uma Nova Idade do Gelo? E se o todo o Hemisfério Norte estivesse perto de desaparecer, à mercê de tornados, inundações e terremotos?

Foi na livraria de um hotel que o cineasta Roland Emmerich, já há alguns anos atrás, se deparou com um livro intitulado "The coming of the global superstorm". A ideia de reexplorar o efeito-catástrofe, já experimentado em "Godzilla" e "Independence Day", surgiu desde logo.

Em "O Dia Depois de Amanhã", a América é, uma vez mais, o palco do caos e da destruição e a "Big Apple" o epicentro da acção. No papel de cidadãos com a vida em risco, destacam-se Dennis Quaid, o atento paleoclimatólogo que alerta o governo americano para o desastre, e Jake Gyllenhaal (que tanto brilhou em "Donnie Darko" e "Moonlight Mile"), filho do anterior, que acaba preso numa biblioteca em Nova Iorque. A talentosa Emmy Rossum (venha o "Fantasma da Ópera", de Joel Schumacher, para comprovar isso mesmo) e a sublime Sela Ward são, também elas, motivo de destaque do elenco.

Antes de mais, importa realçá-lo, "O Dia Depois de Amanhã" possui alguns dos mais inovadores efeitos tecnológicos do cinema moderno. As ondas que inundam a Estátua da Liberdade e os edifícios nova-iorquinos ou os tornados que devastam totalmente Los Angeles são imagens dignas de memória e inegáveis

fontes de entretenimento visual.

No entanto, pouco mais entusiasmo. Por um lado, raras vezes se tem a noção exacta do espaço de circulação das personagens, facto evidenciado no percurso feito pelo pai-salvador, personificado por Dennis Quaid, ao encontro do seu filho, perante incríveis adversidades climáticas. As possibilidades de sobrevivência de cada um dos visados raramente são apresentadas, o que convida o espectador a esperar pelo final em família.

Por outro lado, sendo já um problema que, tristemente, acompanha sempre os filmes do género, a intenção de dispersar o drama e o pânico pela sala de cinema, não passa disso mesmo. Ou talvez passe, desde que fechemos os olhos, quando centenas de pessoas fechadas numa biblioteca, com milhares de mortos por todo o lado e com o perigo eminente de congelamento fatal do corpo, se preocupam em seleccionar os livros a queimar, para se poderem aquecer. Enfim, parece cada vez mais impossível fazer filmes-hecatombe sem ceder a todas as ratoeiras desse tipo de cinema.

O que distingue, embora levemente, "O Dia Depois de Amanhã" de outras obras semelhantes, é a tentativa de dissecar conceitos e ideias de reflexão pública, assentes nos limites da raça humana perante a força da Natureza.

Enfim, um filme que se deve ver, quando nos apetece fazer das horas uma almofada. Mas pouco mais do que isso. **Tiago Almeida**

Em negativo...



João Luís Jesus Dux
Veteranorum da Universidade de Coimbra

Um cineasta: John Carpenter

Um actor brilhante: Sean Connery

Uma actriz de culto: Ava Gardner

Um filme intemporal: "E Tudo o Vento Levou", de Victor Fleming

Uma produção nacional: "Aniki Bóbo", de Manoel de Oliveira

Navega-se...

Maradona

Estamos no mês do futebol e nada como dedicar esta coluna a alguns magos da bola. Apesar de ser o Campeonato Europeu que está actualmente a decorrer, é impossível não começar com um grande jogador sul-americano. Na página oficial de Diego Maradona, podemos ler apontamentos acerca da sua passagem pelos vários clubes onde nos maravilhou com o seu toque de bola. Tudo contado com fotos e estatísticas. Há um espaço multimédia com peças áudio e vídeos seus. Na secção da "Cultura do Maradona", encontram-se ligações para vários sítios dedicados em exclusivo a este craque.

Um desses casos é o de uma igreja dedicada à adoração do deus do futebol argentino. A Igreja Maradodiana nasceu a 30 de Outubro de 1998, dia do nascimento de Maradona. No seu sítio, é possível ler os dez mandamentos desta peculiar igreja, ler a história que descreve o nascimento desta adoração ou inscrever-se no culto, o que dá direito a um cartão de afiliado.

<http://www.diegomaradona.com>

<http://www.iglesiamaradoniana.com>

Dennis Bergkamp

A fobia deste jogador holandês em relação a andar de avião já é mítica. Ora, foi com base neste medo que três amigos e adeptos do seu futebol se dedicaram à análise da viagem que Dennis teria de fazer para se deslocar para a Ásia, para participar no Campeonato Mundial de Futebol de 2002, a decorrer no Japão e na Coreia do Sul. Como ele não fez a viagem, fizeram-na eles: uma longa viagem com partida em Londres e chegada a Osaka. Já noutro sítio, é possível encontrar uma galeria de fotos e alguns vídeos. O "Iceman" orgulha-se de ser o sítio na Internet com mais informação sobre o Bergkamp e não desilude. Para compensar a escassez de vídeos dos golos, temos muita estatística acerca da carreira dele como jogador.

<http://www.thedennisbergkamptrail.co.uk/>

<http://bergkamp10.cjb.net/>



Futebol

"Rui Costa"

www.ruicosta.com

Jogadores portugueses

O Figo.TV é dedicado ao centro-campista do Real Madrid. Começa com informações sobre os seus dados pessoais, onde descobrimos que ele gosta de arroz de pato e ouve Queen. Nas outras páginas deste sítio, podemos consultar o palmarés de Luís Figo e visitar o fórum dedicado aos seus fãs.

Já Rui Costa tem direito a um sítio oficial. A navegação pode ser feita em três línguas: italiano, inglês e português. Temos as memórias contadas na primeira pessoa, um diário onde pontuam alguns pensamentos e onde está também disponível um álbum de fotografias da família e amigos. Há uma secção de notícias, mas não é muito movimentada. É também possível inscrever-se no clube de fãs do jogador. Este clube tem uma secção privada, de acesso só para os sócios. Antes de abandonar o sítio, é possível passar pela loja (que neste momento está em remodelação).

<http://www.figo.tv>

<http://www.ruicosta.com>

Lê-se...



Clara Ferreira Alves

“Mala de Senhora e Outras Histórias”

Dom Quixote, 2004.

5/10

Do Cosmopolitismo ao B.B.

Clara Ferreira Alves dispensa apresentações. Depois de desistir do curso de Direito na Universidade de Coimbra, construiu um percurso jornalístico invejável como grande repórter do semanário “Expresso”. Como crítica literária – mas, também, de cinema e artes em geral – singrou no panorama cultural português como uma das mais críticas vozes em relação ao estado da cultura em Portugal. Actualmente, ocupa a direcção da Casa Fernando Pessoa e da revista “Tabacaria”.

Como objectivo primeiro desta compilação de contos, alguns inéditos, aponta um começo literário, afirmando que quem não sabe escrever em ponto pequeno não será capaz de escrever grandes obras, justificando este ponto de partida com nomes como Joyce e Tchekov. Pretende, com este livro, homenagear o género literário (e os seus mestres) que pensa estar mal de saúde em Portugal: o conto.

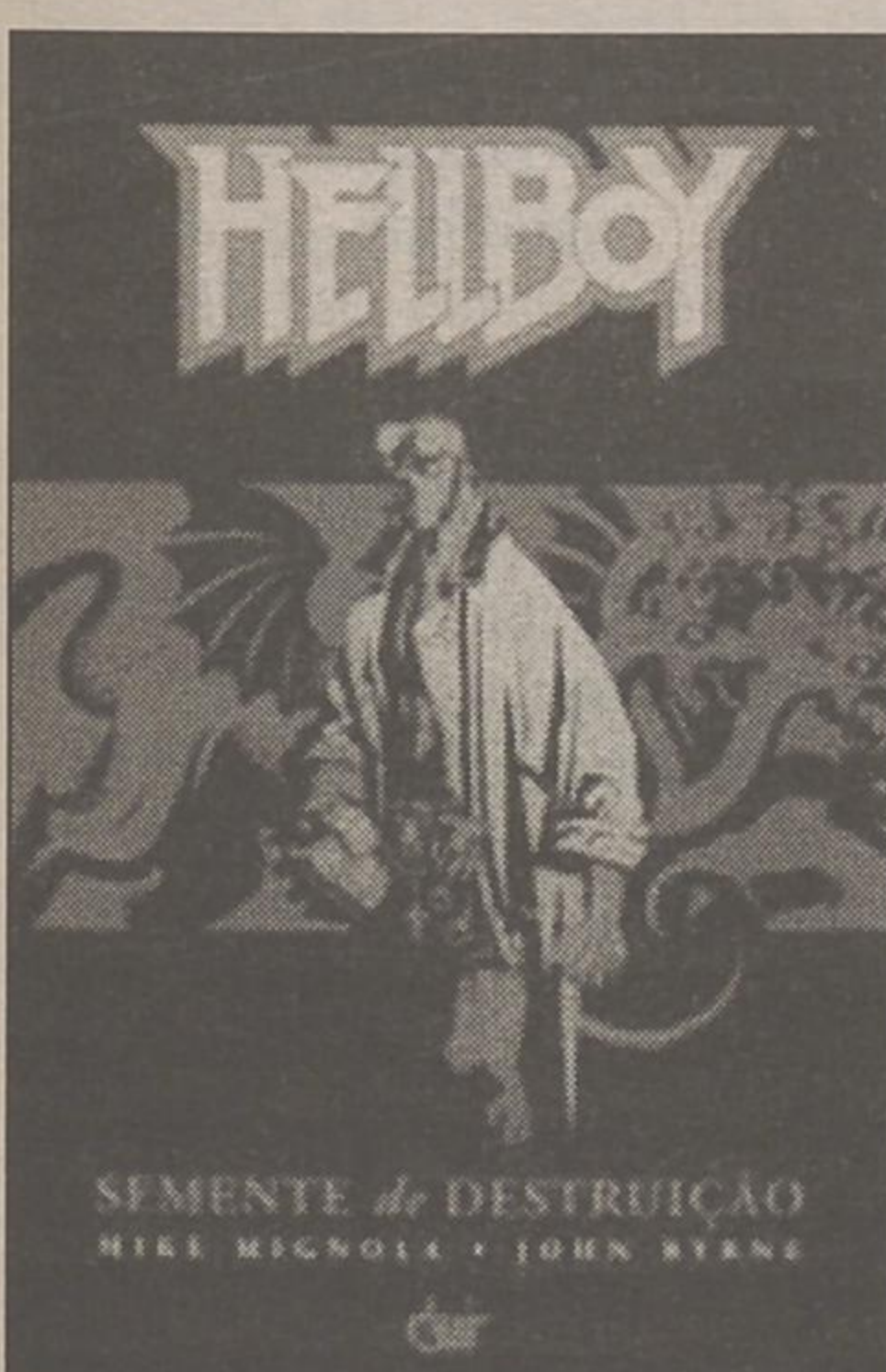
Partindo deste pressuposto, neste livro encontramos várias formas de contar, uma mais pertinentes que outras, em que o conteúdo é descurado em favor da forma. Habitam nestes contos - que no seu conjunto não constitui uma obra coerente - “clichés” literários já antigos e pouco interessantes, bem como uma ficção demasiado presa à facticidade do real, sem se ir mais longe. Sem arte, sem interpelação.

Como exemplo, podemos atender a dois contos: “O Coleccionador” e “Saudades de Mim”. No primeiro conto, temos o cosmopolitismo de Clara veiado de “clichés intelectuais”: Paris, uma jovem mulher de Milão dona de uma galeria de arte, trava conhecimento com um cavalheiro (cego) e o seu sobrinho herdeiro que a convidam para a sua mansão a fim de conhecer a colecção de pintura, orgulho do velho. Ainda que com um pormenor interessante, a descobrir pelo leitor, há um excesso de referências vazias a artistas de renome e à sua obra, numa colagem à força. Já o conto “Saudades de Mim” (tal como no conto “Conversas de Gajas”) é visível o desprezo miudinho da escritora, que se presente nas maioria das suas crónicas sobre o país, em relação àqueles que pensa como néscios. Este conto é sobre o mítico Marco do programa televisivo Big Brother, a quem Clara agoira um final não muito mais feliz: senil, num hospício, depois de uma vida de esquecimento e violência de faca e alguidar, dele mesmo e, como diria Brecht, das margens que o comprimem.

Estes são apenas exemplos. Poder-se-iam dar outros, todos eles, infelizmente, pouco interessantes. Resta a homenagem à forma do conto, que, embora a autora assim o pense, não está mal de saúde, tendo vindo a ser um dos géneros mais emergentes e interessantes no contexto literário do país.

“Mala de Senhora e Outras Histórias” é um livro que desilude, ficando aquém da qualidade de produção a que nos habituou Clara Ferreira Alves. Esperemos que tenha sido um começo. Um começo atribulado, como tantos outros, mas que não se esperava, que defraudou expectativas. **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Mike Mignola e John Byrne

“Hellboy - Semente de Destruição”

Devir, 2003.

8/10

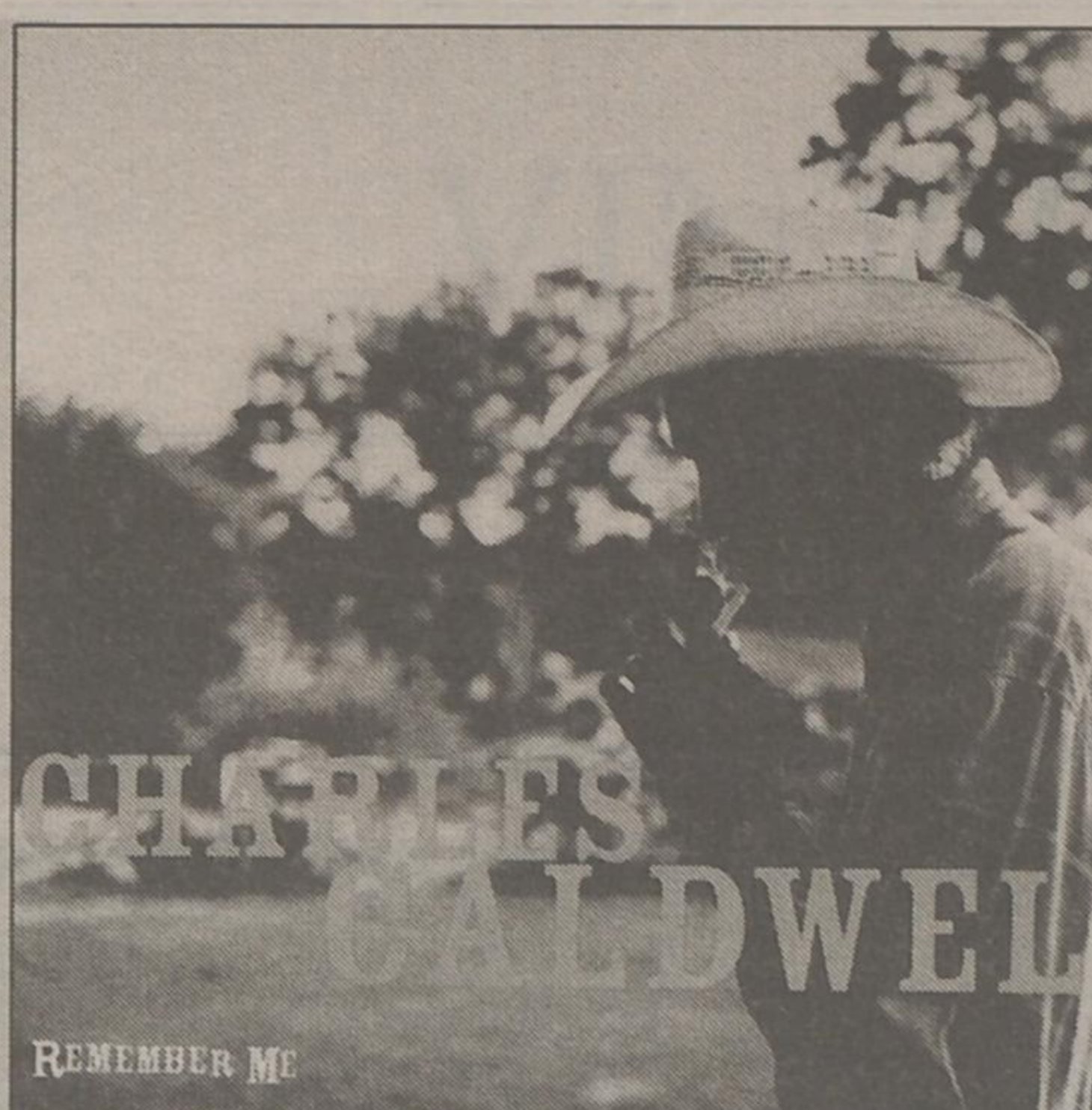
A origem de um mito

Vencedora de dois prémios Eisner (uma espécie de Óscares da bd) para Melhor Argumentista/Artista e para Melhor Novela Gráfica, esta obra une dois dos maiores nomes da bd americana: os autores John Byrne e Mike Mignola, este responsável pela criação de Hellboy, uma das mais mitificadas personagens da bd.

O livro relata uma das suas investigações, ao mesmo tempo que vai dando a conhecer a origem desta personagem, trazido ao mundo através de um estranho ritual mágico organizado por Hitler, numa tentativa de obter um milagre que revertesse o curso da guerra e assegurasse a vitória aos nazis. No entanto Hellboy é resgatado pelo Bureau of Paranormal Research and Defense, do qual acabou por se tornar o principal agente, vendo-se agora envolvido em estranhos casos relacionados com todo o tipo de actividades paranormais.

Mignola é um mestre no uso do preto profundo, realizando desenhos expressivos, carregados de sombras, que transmitem todo um ambiente arcano e gótico, transpondo para o papel da melhor forma o guião de John Byrne. No entanto, a obra peca um pouco pelas cores utilizadas, que conferem à história uma certa monotonia. E, se o desenho de Mignola atinge o seu expoente na representação dos seus personagens ou das inúmeras e belíssimas estátuas renascentistas e barrocas que povoam as suas vinhetas, isso já não se verifica na representação de edifícios ou de muitos ambientes que não contenham aqueles elementos. Mas isto são apenas pormenores e no geral a obra apresenta-se como uma boa aquisição, tendo ainda como mais-valias o texto introdutório da autoria de Robert Bloch, um dos grandes escritores da literatura de terror, bem como as duas primeiras histórias de Hellboy, uma galeria de imagens e ainda duas páginas com os primeiros esboços da personagem. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Charles Caldwell

“Remember me”

Fat Possum Records, 2004.

8/10

Para relembrar sempre...

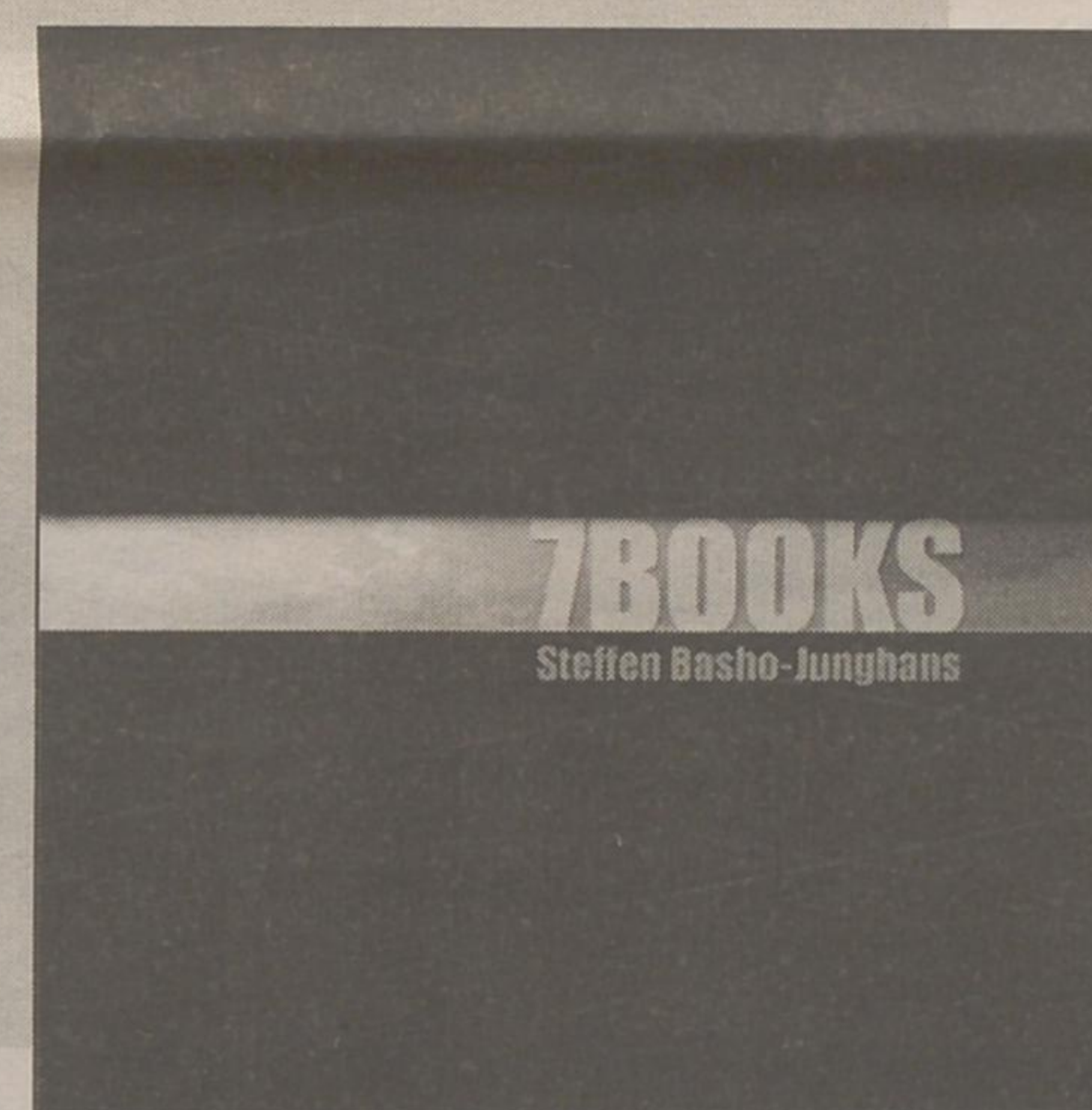
“Remember Me” é o mais recente álbum lançado pela Fat Possum Records, editora independente sediada no Mississippi que, desde há alguns anos a esta parte, tem descoberto nos cantos recônditos desse Estado “bluesmen” que mereciam ser ouvidos há largas décadas.

Este é o caso de Junior Kimbrough, considerado por muitos o melhor “bluesman” da segunda metade do século XX, que obrigou figuras como os Sonic Youth, os U2 ou os Rolling Stones a deslocarem-se até à sua “juke joint” com o único propósito de o verem actuar ao vivo. Outro exemplo é o de R.L. Burnside, entregue também à obscuridade até começar a gravar para a editora em 1994. Junior faleceu em 1998 e Burnside, devido à idade, tem estado arredado dos concertos.

Entre vários “bluesmen”, estes eram os dois principais nomes da Fat Possum que, pelas razões mencionadas, necessitava agora de outro artista do mesmo calibre para gravar novos álbuns e dar concertos extensivamente (a esse respeito, Mathew Johnson, da Fat Possum, refere neste disco que “há dez ou 12 anos atrás, podia-se ir a uma cidade de 800 pessoas e encontrar pelo menos três velhotes que soubessem tocar guitarra. Agora é muito difícil encontrar alguém que toque sequer”).

Após largos meses de pesquisa pelo Mississippi, Johnson encontrou finalmente Charles Caldwell, que até aí tinha tocado apenas em festas, onde o seu pagamento era feito em bebida durante toda a noite. Encontrar este artista levantou as esperanças da editora. Afinal, o “bluesman” era um pródigo intérprete do blues do North Hill Country, no Mississippi, um estilo onde o que importa é mesmo o sentimento, e não as afinações ou a perfeição técnica.

Durante a gravação do disco, Caldwell soube que tinha cancro. Para o ajudar a suportar as dores que sentia, dedicava as noites a tocar no estúdio da Fat Possum, até que estivesse cansado o suficiente para conseguir dormir. Caldwell acabaria por falecer em Setembro de 2003. Para a posteridade deixou este álbum, o seu canto do cisne, cru como só o verdadeiro blues o é. Mas deixou também a certeza de que alguém se vai lembrar dele. Caldwell, que Johnson considerava “the next big thing”, é de fazer Clapton e congéneres borrarem-se de vergonha. **Mário Guerreiro**



Steffen Basho-Junghans

“7 Books”

Strange Attractors Audio House, 2004.

A alma da guitarra

Afirmar que a guitarra acústica é um instrumento cujos anos dourados passaram há muito e apelidá-la de objecto em decadência, cujas potencialidades sonoras foram completamente esgotadas é, no mínimo, uma injustiça. Mais, é algo que só pode ser fruto de distração profunda ou pura má vontade.

No ano passado, a editora Locust Music, de Chicago, lançou uma deslumbrante compilação, intitulada “Wooden Guitar”, que provava isto mesmo. A guitarra permanece fascinante e a aventura da descoberta mantém-se como uma sedutora possibilidade. O objectivo da edição era apresentar alguns dos nomes mais relevantes na exploração contemporânea do instrumento. Um dos seleccionados foi o cinquentenário Steffen Basho-Junghans.

Nascido na Alemanha de Leste, foi com 16 anos de idade que Junghans travou um contacto decisivo com o actual espelho da sua alma. Aconteceu subitamente durante uma performance de um amigo aperceber-se das mágicas propriedades das seis cordas e do seu potencial para combinar timbre, ritmo e melodia. Devido, sobretudo, às características do fechado regime comunista em que cresceu, teve de esperar cerca de 20 anos pelo seu próprio amadurecimento estético e pela oportunidade de, pela primeira vez, gravar um álbum a solo. Entretanto, foi desenvolvendo uma prodigiosa capacidade técnica que lhe permite hoje em dia fazer quase tudo o que a sua mente for capaz de inventar.

Durante os anos 70, Steffen Basho-Junghans pertenceu a um dos mais importantes grupos folk da ex-RDA, os Wacholder, cujo repertório explorava sobretudo as tradições alemã, irlandesa e inglesa. A metamorfose, no entanto, surgiu apenas depois do contacto com as músicas da escola americana, de John Fahey a Robbie Basho.

Em 2003, e depois de três álbuns que procuravam investigar abertamente as propriedades físicas da guitarra acústica com cordas de aço, a SBJ editou “Rivers And Bridges”, um eternecedor registo que evoca directamente a tradição e a beleza das edições “Takoma”, com as suas suites épicas e dedilhados cristalinos.

“7 Books”, um duplo CD com sete temas, marca um regresso às explorações sobre os limites do instrumento, com experiências rítmicas que começam esparsas e terminam densas, que exploram tanto o corpo da guitarra como o seu braço, tanto a mão direita como a esquerda, que endereçam questões de textura e implicam subtis variações de timbre, que utilizam técnicas erradas, ou propósitos erros de técnica, para extrair novos sons e maravilhar constantemente. O segundo CD parece eleger o slide como objecto preferencial para manter o espírito inquiridor. No entanto, todo o disco respira os ecos da guitarra clássica europeia, a hipnose dos ragas indianos e a liberdade dolente dos grandes espaços americanos. **Rodrigo Paulino**

18 AGENDA

Em palco...

Alma de poeta

"O Cerejal"

Oficina Municipal do Teatro
Apresentado pela Escola
da Noite
Encenação de Rogério
Carvalho
27 de Junho

Tchekhov reforma o teatro... não no que é dito mas no modo como é dito!

Torna qualquer actor das suas peças num co-autor, pela liberdade que exige às suas personagens. Ter a noção do auge que é suposto atingir exige-lhes uma introspecção ao mais íntimo das capacidades e acorrenta ao eticamente correcto que espelha o protótipo de vida. Mas tal não existe, e nem deveria ser falado! Muitos enlouquecem ao tentar descobrir a própria natureza. Muitos morrem sem a perceber, outros sem nunca terem tentado! A peça encontra o verdadeiro propósito no que nós construímos e outros constroem em nós!

"O Cerejal": Um poema-teatral e o último escrito de Tchekhov é assim desprovido de racionalidade e repleto de sensações e personagens essenciais na sua banalidade, num contexto crítico de uma Rússia sofrida.

"...Se eu pudesse esquecer o meu passado... todas as manhãs!" - Liuba (Sívia Brito), ou-



Escola da Noite faz jus à peça centenária de Tchekhov

trora interpretada pela esposa de Tchekhov, revela-nos a doçura de quem gasta o que não tem e dá tudo o que tem. Dotada de um dom expressivo arrebatador faz arrepiar nas alturas certas e representa o papel à altura.

O autor não faz dogma mas banindo o racionalismo leva-nos aos pormenores onde muitas vezes nos encontramos, como a vicissitude de sermos comparados a um armário de cem anos... misteriosamente belo ou simplesmente inútil? Ter coragem, remexer tudo, limpar as

aranhas e não ter medo de mudar... porque só é tarde, para quem já deixou de ser!

Este elenco fez-nos acreditar que em todos os segundos da nossa existência deve haver um intuito e vontade própria de querer viver!

Tchekhov ensina-nos a arte de nos aprendermos: "Olhai-vos um pouquinho e vede até que ponto a vossa vida é má e sombria. Se chegarem a compreenderem-lo não de suscitar à sua volta uma outra vida melhor".

Crónica de Joana Fonseca

Outros rumos...

Vila Real de Santo António

O extremo sudeste português

Praia, natureza e agitação, opções interessantes para quem ainda não sabe para onde ir nestas férias

Mais um encontro inesperado, logo à chegada. Frida e Olívia, a mãe e a filha suecas (ver crónica anterior) que esperavam um comboio para Faro enquanto se lambuzavam com um gelado. Contaram o que viram em Vila Real de Santo António como se fossemos velhos conhecidos.

Após um passeio pelo centro da cidade, fui conhecer as margens portuguesas do Guadiana, que parecem pertencer apenas aos pescadores nativos onde, após uma manhã de linhas ao mar, fazem ali mesmo as suas refeições, como se estivessem numa extensão das suas casas.

Para quem nasceu ali, isto é uma verdade, pois é o lugar onde eles cresceram



Praia de Monte Gordo, uma das atracções do sotavento algarvio

e vivem com os seus vizinhos espanhóis, uma convivência semelhante à dos portugueses do norte, que tiram do Minho o seu sustento e, da outra margem, histórias e amizades de toda uma vida.

Um pouco de história: Vila Real de Santo António surgiu graças aos esforços do Marquês de Pombal, o responsável pela reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755 e que levou progresso para a vila, com a construção de ruas bem ornamentadas e monumentos sumptuosos.

Além do centro histórico da vila, as praias são as maiores atracções do lugar,

como por exemplo a praia de Monte Gordo, uma das praias mais procuradas da zona do sotavento algarvio. Uma praia para todos os gostos, que guarda, numa das suas extremidades, uma mata de pinhais silvestres onde se pode caminhar e respirar o perfume característico da vegetação. Na outra, a parte mais movimentada, com calçadas extensas e vários pub's, restaurantes, bares e esplanadas a céu aberto para todos os gostos. Continua no próximo número d'A Cabra. **Crónica de Cláudio Vaz**

A não perder...

Teatro

- TAGV -
A Paz
de Aristófanes
Encenação de Victor
Gonçalves
Pela Companhia de Teatro
de Almada,
Dia 23 de Junho

- Oficina Municipal do
Teatro -
O Cerejal
de Anton Tchekhov,
encenação de Rogério de
Carvalho,
Até 27 de Junho

- Casa Municipal da
Cultura -
Eu Não Sou o Rappaport
pela Cooperativa
Bonifrates,
com encenação de João
Maria André
Todas as Quartas e Sextas,
até 26 de Junho

- Teatro do Inatel -
Duas Histórias a Quatro
Patas
Encerrado para Obras,
encenação de David Cruz e
Estela Lopes,
Até 26 de Junho
(aos Sábados)

Exposições

- Galeria Almedina -
Exposição de Pintura
Fernando Lagarto,
A partir de Quinta-feira

- TAGV -
Fitas na Queima
Instalação de fotografia do
Jornal Universitário de
Coimbra - A CABRA
Até 20 de Junho
Sem título
Ilustração de Nuno Fisteus,
no âmbito da Festa da
Criança
Até 24 de Junho

- Edifício Chiado -
Exposição de Pintura
Matilde Marçal,
Até 27 de Junho

Música

- Jazz ao Centro Clube
Discoteca Scotch -
Noites de Jazz

Alunos da Escola de Jazz
do IPJ de Coimbra -
"Kvarapo"
Sexta-feira
Quinteto António Cabrita
25 de Junho

- TAGV -
Remix Osquestra
Casa da Música
Direcção musical de
Thierry Fischer
Sábado
Orquestra Metropolitana de
Lisboa
Dia 26 de Junho
Ópera de Câmara do Real
Theatro de Queluz
Dia 29 de Junho

Cinema

- Cinemas Avenida -
Cine-Teatro
O Dia Depois de Amanhã
De Roland Emmerish
Todos os dias - 14h30,
17h00, 19h30, 22h00, 0h15

Estúdio 1
O Quinteto da Morte +
Destino
De Ethn e Joel Coen
Todos os dias - 14h00,
16h30, 19h00, 21h30, 0h15

Estúdio 2
Má Educação
De Pedro Almodóvar
Todos os dias - 13h45,
15h45, 17h45, 19h45,
24h00

- Cinemas Girassolum -
Sala 1
Hellboy
De Guillermo Del Toro
Todos os dias - 14h30,
16h45, 19h00, 21h30

Sala 2
O Dia Depois de Amanhã
De Roland Emmerish
Todos os dias - 14h15,
17h00, 19h15, 21h45

- TAGV -
Novo Cinema Alemão
Berlin in Germany
De Hannes Stochr
Hoje
Lichter
[Distant Lights]
De Hans-Christian Schmid
Segunda-feira
Anansi
De Fritz Baumann
28 de Junho

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director Emanuel Graça Chefe de Redacção João Pereira Editor de Fotografia Jonas Batista Editor de Academia e Universidade Tiago Azevedo Editor de Cidade, Nacional e Internacional Mário Guerreiro Editora de Ciência Lurdes Lagarto Editor de Desporto João Cortesão Editor de Cultura João Vasco Secretária de Redacção Liliana Guimarães Paginação Emanuel Graça Redacção Ana Bela Ferreira, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, André Jegundo, Bruno Costa, Bruno Fernandes, Bruno Gonçalves, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carla Pinto, Carla Santos, Cecília Santos, Cláudio Vaz, Cristina Bastos, Diana do Mar, Diana Ramos, Dinarte Melim Velosa, Filipa Oliveira, Gustavo Sampaio, Hélder João Pinto, Hugo Ferreira, Joana Montenegro, Joana Moreira, João Pedro Campos, João Pedro Marques, Jorge Vaz Nande, José Manuel Camacho, Kossaquí, Liliana Carona, Liliana Gonçalves, Marco Pereira, Margarida Matos, Maria João Lopes, Marília Frias, Marilene Alves, Marta Poiares, Nuno Braga, Nuno Curado, Nuno Felício, Olga Telo Cordeiro, Patrícia Lourenço, Paulo Alexandre Teixeira, Paulo Nuno Vicente, Paula Velho, Pedro Costa Gomes, Pedro Santos, Rita Delille, Rui Justiniano, Rui Pestana, Rui Simões, Sandra Dias, Sara Cardoso, Sandra Henriques, Sofia Carvalho, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Almeida, Tiago Pereira de Carvalho, Tiago Pimentel, Vítor Aires, Vítor Rodrigues e Oliveira Colaboradores Adalgisa Leitão, Ana Elisa Varelas, Andreia Ferreira, André Ventura, Ângela Loureiro, António Gil Leitão, Arlete Morais, David Jacob, Diana Duarte, Jorge Mendes, José Miguel Abrantes, José Miguel Pereira, Ilda Fortes, João Rijo Madeira, Laura Bastos, Márcia Bajouco, Marisa Ferreira, Marisa Soares, Rosa Ramos, Sandra Ferreira, Sandra Pereira, Susana Frexes, Teresa Neto Fotografia Ana Laura, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Carla Pinto, Clarisse Magalhães, Cláudio Vaz, Daniel Sequeira, Francisca Moreira, Joana Fonseca, Jorge Vaz Nande, José Sousa, Marilene Alves, Pedro Costa Gomes, Pedro Bonifácio, Rui Couto, Rui Pestana, Susana Ventura Publicidade Sofia Carvalho - 239821554; 914941677 Impressão CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com Tiragem 4000 exemplares Produção Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra Propriedade Associação Académica de Coimbra Agradecimentos Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

<None>Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 - Coimbra
Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Designers premeiam os mais fashion

Os prémios do Conselho de Designers de Moda da América, apelidados de “óscares da moda”, foram distribuídos na semana passada e distinguiram a atriz Sarah Jessica Parker (protagonista da série “O Sexo e Cidade”) como o ícone do ano. O rapper Sean ‘P. Diddy’ Combs foi considerado o melhor designer de roupa masculina, com a sua linha de roupa Sean John.

O prémio de “fashion icon” do ano foi uma inovação nesta edição da gala anual, com Sarah Jessica Parker a revelar-se muito contente com o galardão. A atriz, no momento da recepção da entrega do prémio, confessou à multidão que a moda é a sua “fraqueza”: “Às vezes, as pessoas vêem coisas que querem ter e não podem. Mas no meu caso...”. Entre risos “glamourosos”, a atriz encantou a audiência com um vestido preto e rosa e com um corpete coberto de tule de um estilista da época áurea de Hollywood.

Na cerimónia, que decorreu na Biblioteca de Nova Iorque, a cantora Beyonce Knowles entregou o prémio de melhor designer de roupa feminina a Carolina Herrera, enquanto Donna Karan arrecadou o prémio carreira. Já o galardão referente ao talento emergente, correspondente à revelação do ano, foi entregue a Zac Posen.

As distinções no campo dos acessórios foram atribuídas a Reed Krakoff, da “Coach”, e a Eugenia Kim, chapeleira. Também no campo do jornalismo houve distinções: neste caso, o prémio de melhor repórter de moda foi para Teri Agins, do “The Wall Street Journal”.

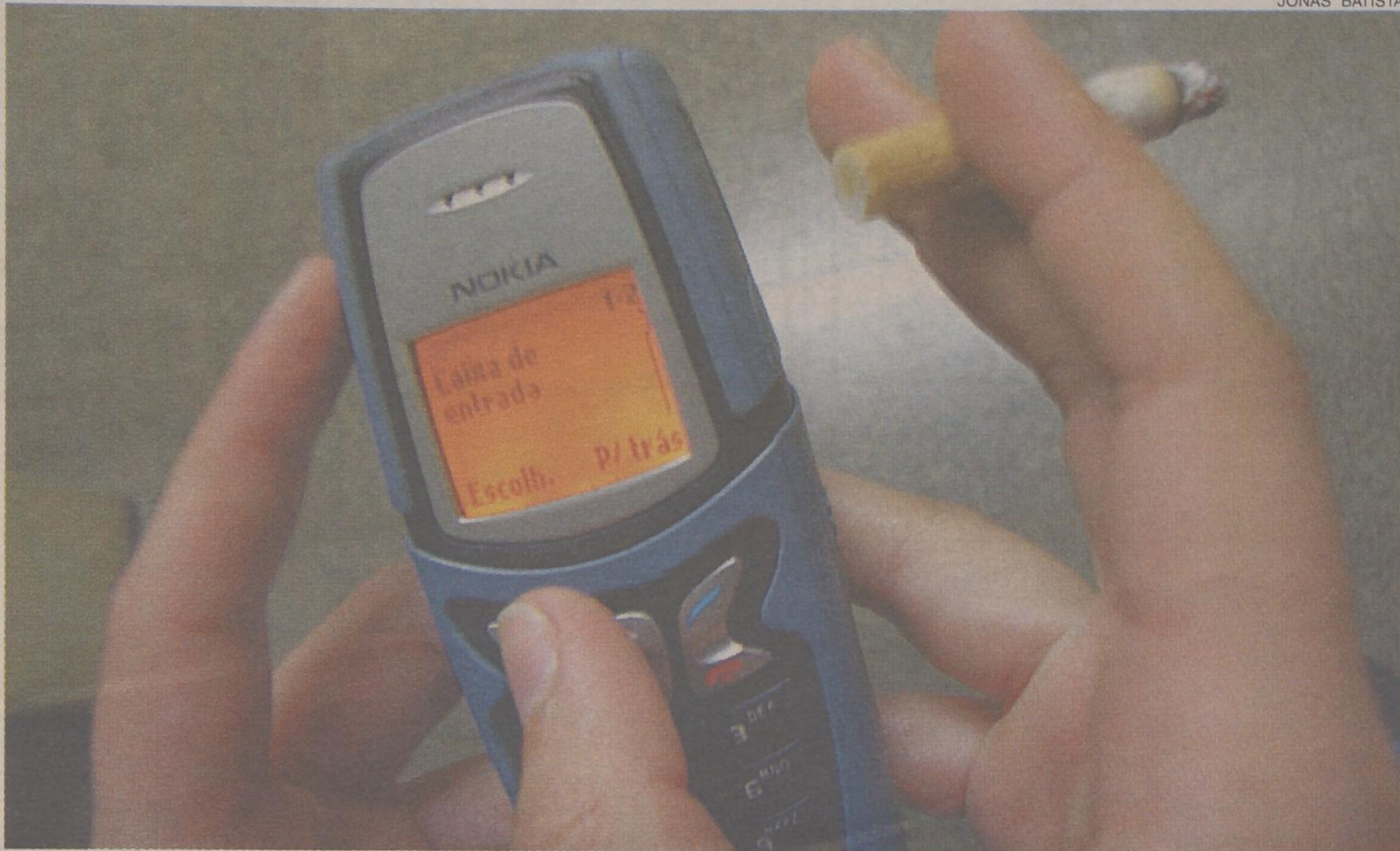
D.R.



Sarah Jessica Parker

Deixar de fumar via SMS

JONAS BATISTA



Os telemóveis aliam-se aos serviços médicos públicos franceses no combate ao tabagismo

Com o actual incremento de leis antitabagistas a tomar lugar um pouco por toda a Europa, surgem também novos métodos para deixar de fumar. Esse é o caso de uma experiência realizada em França que pretende atingir um objectivo muito peculiar: deixar de fumar recorrendo a SMS.

Os fumadores voluntários desta experiência-piloto, que começou no início do mês em Saône-et-Loire, vão receber SMS personalizadas para os ajudar a combater o vício. O “tratamento” dura 12 semanas e é condicionado de acordo com o sexo,

a idade e a dependência de fumo de cada indivíduo (determinado através do teste de Fagerstrom).

Esta experiência resulta de uma parceria entre a Caixa Básica de Assistência na Doença (CPAM) da região de Saône-et-Loire e o operador móvel Orange. Ao todo, são 1200 os voluntários que recebem mensagens personalizadas enviadas por uma equipa de médicos especialistas em pneumonologia e tabacologia, um delegado de saúde pública, um pedopsiquiatra, um farmacêutico, uma equipa de prevenção do CPAM e ainda vários es-

pecialistas em marketing da Orange.

As mensagens consistem em conselhos e alertas, depoimentos de ex-fumadores e explicitação de consequências benéficas do acto de deixar de fumar. Eis um exemplo: “Dez anos após o seu último cigarro, o seu risco de cancro do pulmão é duas vezes menor que o de um fumador”.

Dentro de alguns meses, a Orange vai avaliar a eficácia desta experiência-piloto. Em caso de sucesso, a operadora móvel considera a hipótese de expansão deste método a novos mercados.

Portugal com novo documento de identificação

Está em estudo um novo modelo de Bilhete de Identidade, mais evoluído e seguro que o actual. Para isso, até ao final deste ano, o Ministério da Justiça (MJ) deve abrir um concurso público para o fornecimento do novo documento de identificação.

Segundo a Rádio Renascença, o novo BI será “inquebrável, género cartão de crédito, com um chip que contera informações como as impressões digitais ou detalhes da íris”.

Uma fonte do MJ adiantou ao jornal “Público” que estas alterações se ficam a dever ao facto de “os documentos portugueses e o bilhete de identidade, em particular, terem problemas. Isso não é uma novidade, nem uma especificidade nacional. Por isso, é preciso fazer alterações”, conclui aquela fonte.

O concurso público deve ser lançado até ao final deste ano pelo MJ. A empresa que ganhar o concurso vai ficar encarregue pela produção e distribuição dos novos cartões identificativos.

D.R.



A íris será um dos meios de identificação

Gato Garfield chega ao cinema em 3D

D.R.

Aos 25 anos de vida, Garfield chega finalmente aos cinemas. O gato preguiçoso nasceu a 19 de Junho de 1978. O filme estreou nos EUA na sexta-feira.

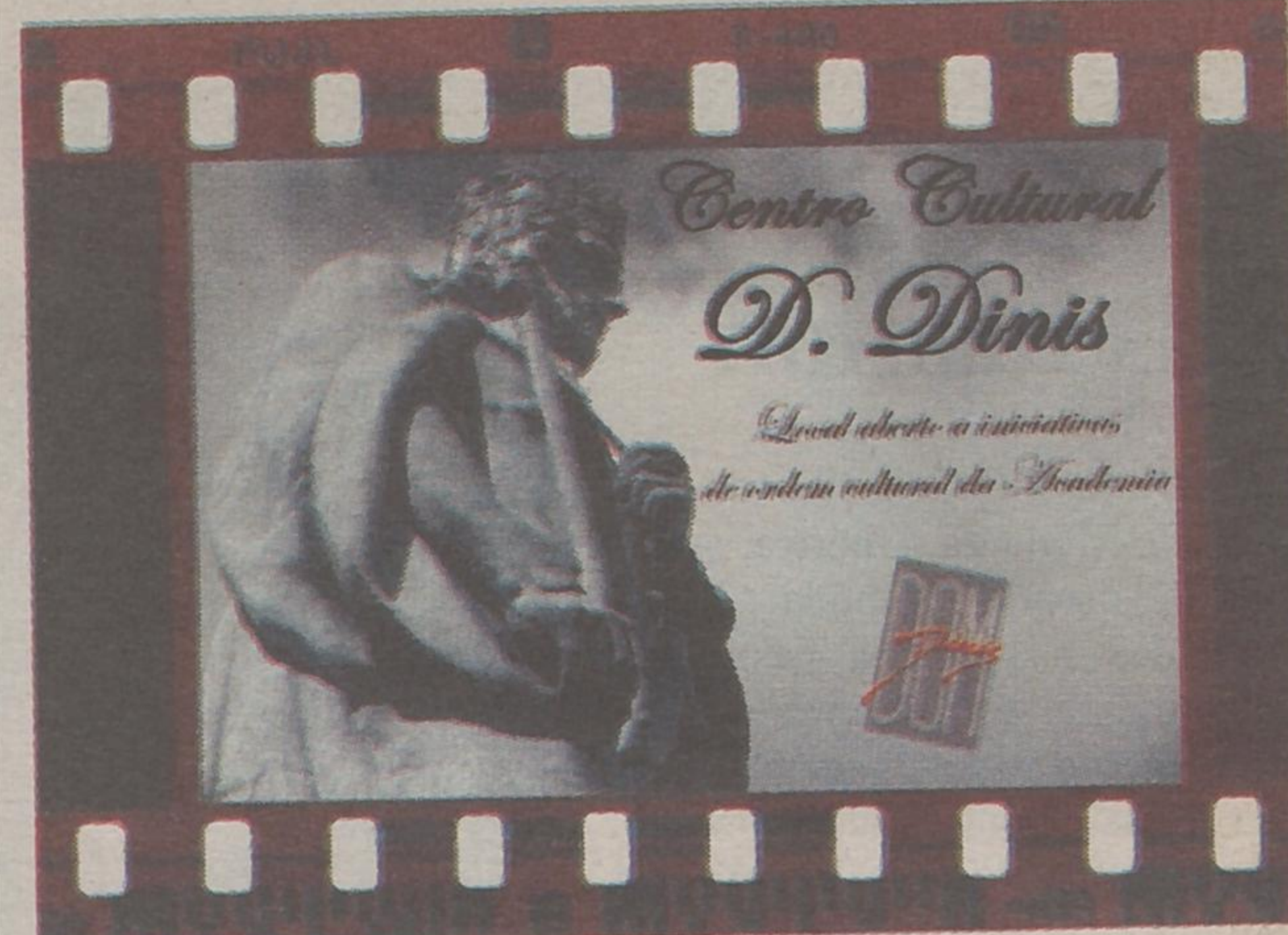
Criado por Jim Davis, Garfield é um gato conhecido pela sua preguiça e amor à lasanha. Há mais de 15 anos que Davis era aliciado para levar Garfield aos grandes ecrãs. O cartunista revela em entrevista à Reuters a razão de fazer o filme só agora. “Com o ‘Monsters, Inc’ da Pixar, percebi que era possível replicar realisticamente o pêlo.” Até então o criador de Garfield não quis criar uma imagem tridimensional do seu gato por saber “não poder competir com a Disney”. A animação por computador trouxe assim a resposta e 200 animadores trabalharam na produção de “Garfield: The Movie”. O criador Jim Davis afirma: “Quis fazer na tela como ele é no jornal, mas impresso, a tira tem 25 palavras ou menos. Na tela são 85 minutos”.

Na filme da sua vida, Garfield terá a voz de Bill Murray, que substitui assim a voz do falecido Lorenzo Music. O seu dono ficcional, Jon Arbuckle, é interpretado por Breckin Meyer (de “Roadtrip”). Este afirma que “o Garfield não é bem um gato; é mais um prolongamento de uma pessoa preguiçosa”. O filme, que ainda não tem data marcada para estrear em Portugal, foi produzido por John Davis, que produziu também “Dr. Dolittle”.

As vinhetas de Garfield já foram publicadas em 2600 jornais e o universo de leitores ascende aos 260 milhões de pessoas.



A versão de Garfield para o grande ecrã vai ter a voz de Bill Murray

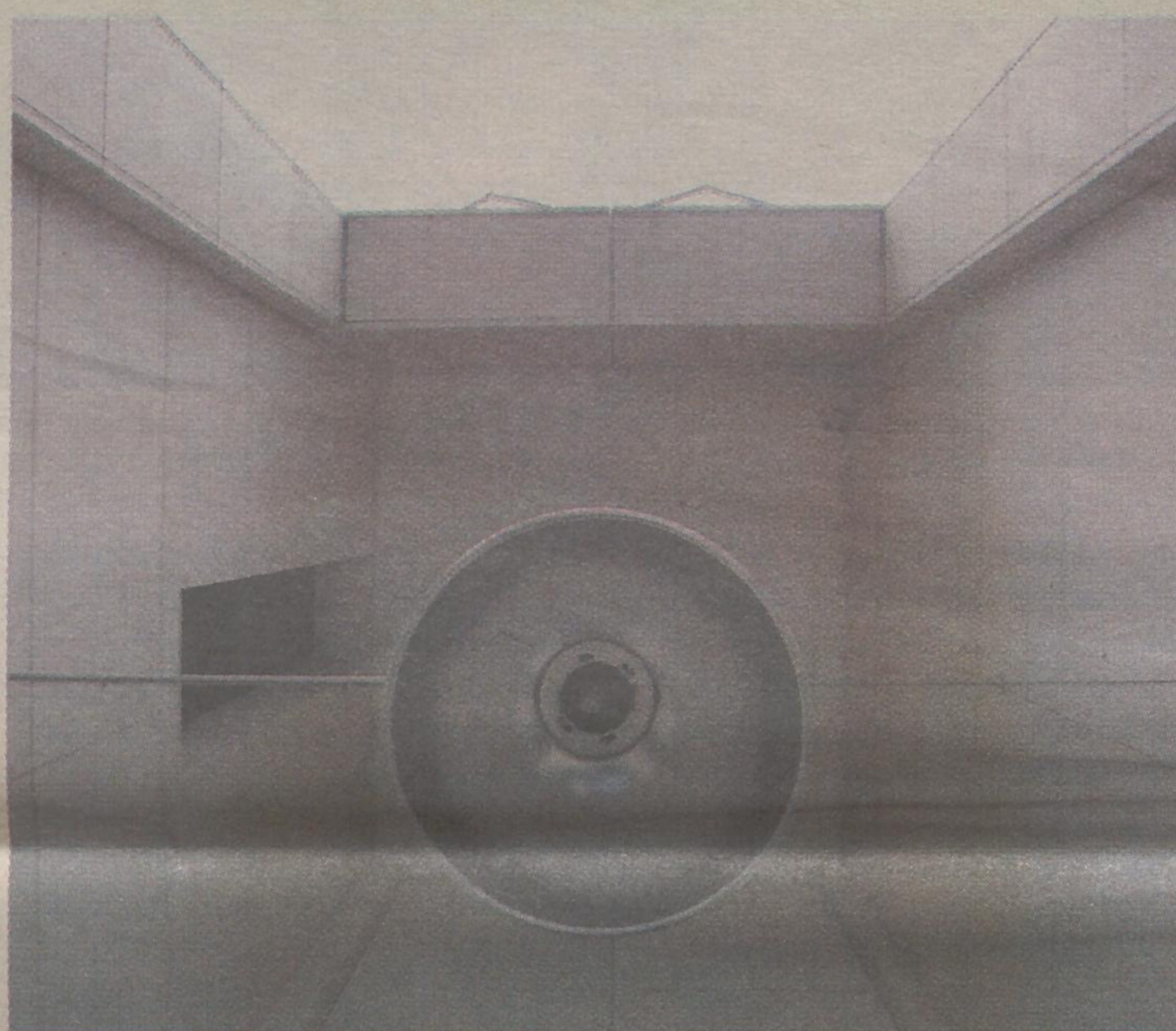


IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

Luz; Luz apagada; Luz apagada de; Luz apagada de uma; Luz apagada de uma vida; Luz apagada de uma vida de; Luz apagada de uma vida de destroços; Luz apagada de uma vida de destroços interiores; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o meu; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o meu eu; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o meu eu romântico; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o meu eu romântico indelevelmente; Luz apagada

de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o meu eu romântico indelevelmente ferido; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o meu eu romântico indelevelmente ferido de; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o meu eu romântico indelevelmente ferido de uma morte; Luz apagada de uma vida de destroços interiores que consomem lentamente o meu eu romântico indelevelmente ferido de uma morte que surge... como um suspiro de alívio para esta descrente alma kafkiana.



Propina pode ultrapassar 852 euros

As universidades e institutos politécnicos vão poder cobrar uma propina máxima que pode ascender aos 880 euros já a partir do próximo ano lectivo. Este valor representa um aumento de 3,2 por cento em relação à propina máxima deste ano.

Esta é uma actualização feita com base no Índice de Preços do Consumidor do ano passado, que ronda os 3,1 por cento. Esta é uma medida que está prevista na Lei de Financiamento do Ensino Superior e, como tal, também o valor mínimo da propina sofreu uma actualização, visto que está indexado a 1,3 por cento do salário mínimo nacional e que, para 2004, este valor foi estabelecido pelo Governo nos 365 euros. Desta forma, a propina mínima para o ano lectivo de 2004/2005 passa a corresponder a 475 euros.

Já neste ano lectivo, cerca de 56 por cento das instituições estabeleceram o valor máximo, que correspondia a 852 euros. Para o próximo ano, algumas instituições tentam aprovar o valor máximo, como é o caso da Universidade de Aveiro, onde o senado já deliberou sobre esta matéria, fixando o valor da propina nos 880 euros.

Apesar de estar consagrado na Constituição da República Portuguesa a "progressiva gratuidade do ensino superior público", existe um acórdão do Tribunal Constitucional que afirma que não existe incompatibilidade com a actualização do valor das propinas. A Lei de Financiamento incorpora esta regra e estipula que o montante da propina "é fixado anualmente em função da natureza dos cursos e da sua qualidade".

Madeira aposta na internacionalização

Objectivos passam por aproximar Universidade da Madeira das directivas de Bolonha

O reitor da Universidade da Madeira (UMa), Pedro Telhado Pereira, anunciou na semana passada que esta instituição pretende uniformizar os cursos, nomeadamente através da padronização do sistema de créditos, para que as licenciaturas sejam reconhecidas em todas as universidades europeias.

A uniformização de créditos permite uma maior mobilidade na Europa. Mas, sublinha Pedro Telhado Pereira em declarações ao "Diário de Notícias - Madeira", outra vantagem desta medida é o reconhecimento dos cursos tirados na UMa pelo meio empresarial.

As licenciaturas passarão a ser valorizadas como qualquer outro curso de uma instituição europeia, explica.

O reitor da UMa diz que pretende também "uma maior abertura [da instituição] ao meio envolvente". Assim, a UMa espera estreitar ligações com centros de investigação capazes de oferecerem emprego qualificado.

O financiamento é também uma questão que levanta preocupações ao responsável máximo da instituição madeirense. Assim, pretende desenvolver parcerias que cativem fundos provenientes de empresas.

Ainda nos planos estão projectos, a realizar a curto prazo, de cooperação e intercâmbio com as universidades dos Açores e Canárias.

Furto fantasma preocupa CITAC

Desaparecimento de 250 euros foi o principal prejuízo

Sexta-feira, a direcção do Circulo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC) ficou estupefacta quando descobriu que tinha desaparecido o seu cofre. O facto de não haver sinais de arrombamento nem da porta de entrada, nem do armário, leva a crer que tenha sido alguém que conheça a secção por dentro.

A presidente do CITAC, Silvia Madeira, afirmou ao jornal A CABRA que "tudo estava como se nada tivesse acontecido". O que a estudante de Estudos Artísticos acha mais estranho é que nada mais foi roubado, nem o

livro de cheques, nem nenhum adereço. "Quem roubou, entrou cá, encontrou a chave, abriu o armário, levou o cofre (que continha cerca de 250 euros), fechou o armário e saiu", explica.

Silvia Madeira queixa-se de que há falta de segurança no edificio da associação e refere que "o porteiro não consegue controlar tudo". Perante esta situação de falta de segurança, a presidente do CITAC apresenta uma alternativa: posicionar vigilantes nos pisos superiores.

Miguel Duarte, confrontado com o ocorrido, argumenta que o edificio da AAC é seguro e que "o importante é as secções estarem precavidas". Na sua opinião, "se as portas estiverem fechadas e se as secções tiverem as chaves controladas nada acontece".

Vidro
Azul



Notas frágeis, sons de alma,
viagens neste e noutro tempo,
por paisagens de sombra e nevoeiro!

Na Rádio Universidade, 2^{as} 20-21h, repete Sáb&Dom às 02h



RUC
107.9 FM